

CAPÍTULO III

ALICE GOMES E A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO PELA ARTE

*(...) É-se eterno com o passado, não com o futuro, que nunca acaba de ser
O meu futuro esgotei-o quando o alcancei, ou seja, quando se esgotou.
Agora tenho-o na memória / imaginação, que é onde tenho tudo. (...)*

Vergílio Ferreira
p.129

3.1. NOTA INTRODUTÓRIA

Na construção deste capítulo mobilizámos maioritariamente a informação retirada do Espólio de Alice Gomes (EAG) e que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal e por outros documentos relativos à Associação Portuguesa de Educação pela Arte (APEA) que conseguimos recuperar por contacto estabelecido com a última secretária da Direcção Maria João Gonçalves. Quanto ao Espólio que consultámos deparámo-nos com o facto de ter sido sujeito a uma primeira triagem em que foi feita apenas uma separação grosseira de documentos por 12 caixas de grandes temas. Acedemos às caixas classificadas como Educação pela Arte e APEA (caixas 6 e 7) e, misturados nas 10 caixas restantes, encontrámos ainda documentação relacionada com educação, grande parte em folhas soltas sem data. Uma fração substancial do Espólio é dedicado à Literatura Infanto-juvenil.

Como já foi referido, o termo Educação pela Arte é até ao presente utilizado para denominar o que Arquimedes da Silva Santos objetiva, “a via que atende, sobretudo, à formação da Personalidade: (...) Segundo ela, a Educação pela Arte processar-se-á como uma via contínua e ascendente ao longo da vida (...) desde os jardins-de-infância às escolas superiores, prospectiva e permanentemente baseada numa *Pedagogia da Arte*, a qual se fundamenta numa *Psicopedagogia da Expressão Artística* (...)” (2008, p. 65). É de salientar o ênfase do autor na palavra *pedagogia*.

Antecede à criação da Escola Superior de Educação pela Arte, o Grupo de Estudos do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação C. Gulbenkian, presidido por Delfim Santos, que, a partir de 1964-1965, onde, por diligência de Manuel Breda Simões, é acolhido Arquimedes da Silva Santos, que se empenhou em fundamentar os princípios de uma “Psicopedagogia da Expressão Artística” dirigindo a sua ação para o “coligir elementos propedêuticos que permitissem elaborar um embrião de noções, polarizadas nas artes, para uma pretendida psicopedagogia da expressão artística” (Santos, 2008, p. 68)

Para melhor nos situarmos no contexto deste historial é de referir que antecedem, ainda, à criação deste Grupo de Estudos várias ações pedagógicas diretas no terreno de pioneiros da Educação Portuguesa que têm uma ação relevante na fundação da Associação para a Educação pela Arte (APEA). Algumas dessas personalidades, implicadas na História da Educação pela Arte e verdadeiros precursores do Ensino Artístico em Portugal, constam nas fichas de inscrição da APEA que conseguimos recuperar (Anexo 6). De entre eles destacamos: Adriano Gusmão, António Quadros, Arquimedes Santos, Cecília Menano, João dos Santos, Maria Barroso, M^a Manuela Valsassina, Matilde Rosa Araújo, Maria Lúcia Namorado, entre outros.

A propósito do termo *educação pela arte*, Alice Gomes refere que “ (...) educar através da arte confunde-se com ensino artístico, de modo que os franceses usaram “education artistique.” E Alice prossegue explicando que no histórico congresso da InSEA de 1954 em Paris “esse grupo foi vencido, por votação, Arno Stern, Pierre Duquet que propunham “Education par l’art”. Foi daqui que tirei a nossa “Educação pela Arte” que veio baptizar a associação portuguesa, similar da internacional, que eu planeava fundar, reunindo os cultores da arte infantil, que já eram notáveis nessa altura.” (EAG, Cx.6)

O interesse pela Educação pela Arte e da sua História tem continuado no presente. Apesar de alguns recuos, esta temática merece alguma atenção em tempos mais recentes. Num artigo de M^a Emília Brederode Santos, (in *Jornal de Letras* Dez. 2013) são supracitados alguns desses “notáveis”. Relata Maria Emília que “ (...) é ainda em 1957 que é fundada a Associação Portuguesa de Educação pela Arte, presidida pela professora Alice Gomes, com pedopsiquiatras como João dos Santos e Arquimedes da Silva Santos, artistas plásticos como Almada Negreiros e Nikias Skapinakis, musicólogos como João de Freitas Branco e o professor Manuel Calvet de Magalhães que terá sido um dos principais promotores da Associação.

Nikias Skapinakis dá-nos conta da existência de “dois grupos em Lisboa” no “movimento que se gerou à volta dos conceitos de desenho e pintura livres”: “O primeiro era formado pela prof. Cecília Menano (escola Ave Maria e atelier particular), pelo psiquiatra Dr. João dos Santos e ainda pelo professor brasileiro Augusto Rodrigues. O segundo grupo assentava na colaboração de Calvet de Magalhães com a prof. Alice Gomes (Liceu Francês)”. Nikias Skapinakis que, entre 1957 e 61, foi professor de “Cursos Livres de Educação Artística” no Liceu Francês Charles Lepierre e também de Educação Plástica e de Didáctica do Desenho, além de orientador de estágios das alunas na escola Beiral, no Instituto de Educadoras de Infância (dirigido por Mitsa), colaborou com os dois grupos (depoimento pessoal de Nikias Skapinakis, Novembro de 2013).

A partir das consultas e documentação ligada ao espólio do trabalho pioneiro de Alice Gomes, tivemos acesso a algumas das fontes que podem confirmar e dar uma melhor compreensão de todos estes factos. Começamos por saber mais sobre a pessoa de Alice Gomes pois que o seu carácter, personalidade e percurso de vida estão definitivamente ligados a todo o processo de criação da Associação Portuguesa de Educação pela Arte.

3.2. ALICE GOMES VISTA POR SI MESMA

Alice Gomes, num texto seu, assim se auto apresenta:

“Nasci em 1910, a 24 de Agosto, dia de S. Bartolomeu, dia em que, diziam, andavam todos os diabos à solta. Meu pai, a brincar, acrescentava que se tinha soltado mais um - que era eu. Nasci com “trave” sob a língua. Cortaram-ma; e meu pai dizia, também, de vez em quando e a propósito da minha tagarelice:

- “Pois é! Cortaram-lhe a trave...”É por isso que as meninas e os meninos tagarelas não me fazem zangar nas aulas. Nas aulas, o que me faz zangar é que batam uns nos outros. Quando eu era pequenina, só os rapazes batiam.

Agora, as raparigas também se batem entre si e, até, com eles. Mas vamos à minha biografia que me pediram para vós. Nasci, tenho de o dizer, na margem esquerda do rio Douro, na Granginha, mas fui, com um mês, para outra terra, na margem direita - Gestaçô. Da minha casa, viam-se os montes do outro lado, tão longe, tão longe que pareciam lilases; e foi por isso decerto que, desde pequena, me pus a fazer versos. Ainda por cima, aos 7 anos, fui para uma terra à beira-mar, onde o mar era muito bravo (até comia casas) e eu tinha muitas saudades das serras e da minha casa. Saudades que só matava (provisoriamente) durante o tempo de férias. Ah! Passei um ano inteiro na aldeia, entre os 11 e os 12 anos. É importante, porque, nessa altura vivi mais amplamente as histórias que tenho contado. Estudava o primeiro ano do liceu com uma professora do ensino primário, uma senhora aleijada mas admirável., E quem sabe se veio daí o meu gosto por ensinar?!No ano seguinte fui para um colégio interno onde me aconteceu uma aventura formidável, que foi receber um beijo de um herói, Sacadura

Cabral, e um aperto de mão de Gago Coutinho que não gostava de beijos. Tinham regressado do Brasil, da viagem gloriosa de avião através do Atlântico, e eu colaborei na festa. Passei a querer ser aviadora, como uma menina da história “As mulheres não se medem aos palmos”, a última que publiquei em “O Comércio Infantil”. E agora sou professora e escritora, depois de muitas peripécias da minha vida que levavam tempos infinitos a contar. A mais importante foi casar e ter um filho, como acontece nas histórias de que as meninas tanto gostam. Mas, nos contos, não se sabe se as heroínas tiveram netos. Eu tenho um. E o meu próximo livro talvez comece: “Era uma vez uma avozinha que...”

Alice Gomes (s.d.)

(incluído no Boletim nº 2 da APEA- 1983)

O texto autobiográfico inicial demonstra em Alice Gomes o carácter determinado que revela desde a infância. Nos artigos biográficos sobre a autora encontramos uma constante referência à determinação que revela na sua autobiografia voltada para a ação e dinamização.

3.3. ALICE GOMES VISTA PELOS OUTROS

3.3.1. “LUTAR PARA DAR A CONHECER À CRIANÇA O MUNDO DA ARTE”

O Boletim nº 2 da APEA, cujo corpo redatorial é constituído por Adriano Gusmão, Madalena Gomes e Maria do Carmo Rodrigues foi inteiramente dedicado à pessoa de Alice Gomes, como forma póstuma de homenagem.

“Nascida em 1910 nas margens do Rio Douro, paisagem que profundamente marcaria a sua sensibilidade, a menina franzina e irrequieta iria transformar-se em professora primária, pedagoga de elite, conferencista, escritora cujo nome ultrapassaria o rectângulo português. Pioneira do Movimento de Educação pela Arte no nosso país, ao lado de outros valores da sua geração, este seria o campo onde a pedagoga, a escritora e a artista mais apaixonadamente iria lutar para dar a conhecer à criança o mundo da Arte.

Consciente do meio que a rodeava, sabedora de quanto é importante ser-se importante para o que é apenas simples e belo. Alice soube apoiar-se na APEA em todos quantos sentiam animados do mesmo sonho de beleza. Com a força moral própria dos grandes, soube também silenciar os que porventura se desviariam do caminho traçado.

Nós, que tomamos o encargo de redigir este Boletim, porta-voz da APEA, tentaremos manter sempre viva a chama do ideal que distinguia a nossa sócia fundadora, irmanados como nos sentimos na mesma intenção de educar pela Arte os homens de amanhã.

Pareceu-nos que, para além de tudo quanto foi dito nos Jornais, na Rádio, na Televisão, sobre Alice Gomes, nada testemunharia melhor a sua acção na APEA que os depoimentos que inserimos de alguns dos nossos consócios, aqueles que mais de perto acompanharam a sua luta.”

Corpo Redactorial:

Adriano Gusmão

Madalena Gomes

Maria do Carmo Rodrigues

No mesmo boletim encontramos palavras de João dos Santos, João de Freitas Branco, Francine Benoit, entre outros, relevando o seu papel de mulher lutadora e pilar de sobrevivência da APEA.

3.3.2. ESCRITORA E FUNDADORA DA APEA

“Devemos a Alice Gomes muitos conceitos e experiências de prática pedagógica que muito contribuíram para o enriquecimento do património cultural português em matéria de educação. Como escritora de obras de literatura infantil o seu papel foi extremamente meritório, ligando a essas actividades a sua iniciativa de fundadora da Associação de Educação através da Arte, merece, sem dúvida, o seu saudoso reconhecimento.”

João dos Santos

3.3.3. “AQUELE TEMPO DE VIDA ANTERIOR EM QUE CONHECI ALICE GOMES”

“Custa-me ter ficado com tão poucos elementos para juntar como eu gostaria o meu nome nos depoimentos que enaltecem a sua memória através da Associação Portuguesa de Educação pela Arte - depoimentos de elementar justiça, pois foi Alice Gomes quem fundou essa Associação, a que me honro de pertencer desde a primeira hora. Não saberei traçar o meu humilde depoimento sem falar de mim, gratas na minha memória às colaborações que Alice Gomes me convidou a dar-lhe, contribuindo para eu sentir que existo.

E sou actualmente sócia honorária da A.P.E.A., por proposta que foi sugerida pelo prof. Adriano de Gusmão; também através da A.P.E.A. me encontro ocasionalmente com o Dr. Arquimedes da Silva Santos. Duas personalidades que admiro e respeito sem reservas, congratulando-me com a sua caução à obra de peculiar carácter cultural que enobrece a figura de Alice Gomes centrada nessa sua iniciativa.

Conheci a Alice Gomes há imenso tempo, no que poderei quase chamar uma vida anterior, ou seja, em casa da Manuela Porto, que era uma dona de casa excepcional e gostava de reunir artistas e intelectuais, (duas “classes” que não poucas vezes se fundem numa só). Muito nova, mas a Alice já era a mulher do Casais Monteiro. Bem antes da concretização da APEA voltámos a encontrar-nos, mormente no colégio “Mundo Infantil”, onde eramos ambas professoras. Tive então o ensejo de constatar a sua dedicação muito vivaz pelas crianças e a efusão com que era correspondida. Mas o paralelismo do correr da nossa vida não criou fusão - a sua luta pessoal e a minha eram desencontradas, quando alargou a sua faceta voltada para a literatura infantil e juvenil. Mais uma razão para eu avaliar à distância a simpatia e o significado do seu gesto quando me convidou a ser incluída na lista dos primeiros sócios da A.P.E.A., ao passo que, por exemplo, não se lembraram da minha pessoa quando foi criada a Juventude Musical Portuguesa...

A distância também, não me perdoou não ter assistido a nenhuma representação da peça infantil “S. João subiu ao Trono”. Porque esperasse que me viessem buscar? De maneira nenhuma. É facto que durante fases sucessivas da minha vida, perdi, e continuo a perder agora uma quantidade de manifestações de Arte e Cultura, o que não acontecia naquele tempo de “vida anterior” em que conheci Alice Gomes, que recordo com saudade e gratidão.”

Francine Benoit

3.3.4. “MESTRE NA ARTE DE BEM CONTAR”

“Conheci Alice Gomes nos últimos anos da sua vida.

Como colega, pedi-lhe que analisássemos em conjunto, trabalhos escritos, realizados por alguns dos meus alunos. Nesses breves contactos, senti que um enorme talento, aliado a um conhecimento profundo da criança. Alicerçavam uma vivência riquíssima, cujos resultados partilhava, com quem, como ela, comunicava as mesmas preocupações de “educadora”.

Todo o amor que sempre votou “à criança” levou-a a dedicar-lhe toda a sua obra, já tão conhecida de todos. Alice Gomes será sempre lembrada como mestre na arte de bem contar.”

M. José Frade Pina

3.3.5. “UM ESPÍRITO CRÍTICO MUITO GRANDE”

“Já se distinguia quando era jovem...

Alice Gomes foi minha colega de turma no Liceu Carolina Micahelis, no Porto. Muito inteligente, com um espírito crítico muito grande e um certo orgulho na sua pessoa.

Tinha já as suas teorias!

Um dia descobriu que (estávamos em 1926) a nossa professora de história dava sempre boas notas a quem falava “muito despachado”, mesmo que o conteúdo da exposição não revelasse grandes conhecimentos em História. Caso contrário era uma “razia”. No dia seguinte disse-nos: reparem bem como é que eu vou fazer hoje para ter boa nota... e depois... imitem-me! E assim, no dia seguinte, ao ser chamada, Alice começou a falar muito alto, depressa e em termos muito “rebuscados”, e, depois meteu duas “coisas” de História. A professora ficou encantada! Nós, passámos a imitá-la, e foi um sucesso colectivo, durante todo o ano.

Alice tinha sempre um ar sério, e não tomava iniciativa em partidas a professoras ou colegas. No entanto se alguém o fazia era logo uma aliada. Boa colega, nunca foi desmancha-prazeres.”

Maria Emília Almeida Santos
colega de liceu

3.3.6. “DINAMIZANDO ATIVIDADES”

“Alice Gomes colaborou no Grupo de Dinamização Cultura e Recreio da Freguesia de S. Mamede, criado na Assembleia desta mesma Freguesia. Os seus objectivos eram de preencher os tempos livres das crianças e jovens, dedicando-se às seguintes actividades: desporto, expressão plástica, musical, dramática e corporal, bem como ainda Visitas de Estudo a Museus, a Fábricas e a Redacções de Jornais. Estas iniciativas tiveram o apoio financeiro da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos. Na actividade de expressão dramática a Escritora Alice Gomes teve papel preponderante, escolhendo os textos a dramatizar e lendo Contos e Poesias às crianças, sendo alguns Contos da sua autoria.

Esta actividade visava não só recriar o espírito infantil como também fazer surgir nelas o gosto pela leitura e assim se iniciou a constituição de uma Biblioteca infantil que ainda hoje existe, com os volumes que ao longo do tempo se foram juntando.”

Maria Leonor de Sande e Castro

3.3.7. “ELEVAR O ESPÍRITO DAS CRIANÇAS E ADULTOS DA NOSSA VILA”

“Recordamos com admiração a imagem da Sr^a Dona Alice Gomes que desceu até nós para vir, aqui, a Bucelas, à Casa do Povo com os professores da APEA, ensinarmo-nos como é que nós, Banda Recreativa de Bucelas poderíamos através da Educação pela Arte elevar o espírito das crianças e adultos da nossa vila.”

A Direcção da Banda Recreativa de Bucelas

3.3.8. “HOMENAGEM JUSTA”

“Associo-me inteiramente a homenagem que considero da maior justiça.”

João de Freitas Branco
Professor e Compositor

3.3.9. “EXTRAORDINÁRIA PEDAGOGA”

“A actividade de Alice Gomes desenvolveu-se sempre à volta da criança. Na APEA, nos seus livros e no Lycée Français ela pensou, viveu e trabalhou para a criança. Como professora do Lycée Français, extraordinária pedagoga, ela teve, ao longo de algumas dezenas de anos, oportunidade de evidenciar as suas excepcionais qualidades.

As centenas de alunos que tiveram a felicidade de frequentar “a sua classe” sabem quantos benefícios colheram da forma inteligente como ela orientava o ensino.

Eles sentiam a competência, dedicação e ternura da sua querida Professora. E chamavam-lhe docemente, Madame Alice, a fada que lhes fazia despertar a inteligência para a vida e que, com a sua sensibilidade rara, os levava a “Aprender Sorrindo.”

Manuscrito, sem assinatura

3.3.10. “AMIGA LEAL, GENEROSA, COMPREENSIVA MAS EXIGENTE, MUITO COMBATIVA”

“Solicitada a dizer umas palavras sobre Alice Gomes, preferiria fazê-lo, despretensiosamente, recordando Alice no seu aspecto humano.

Amiga leal, generosa, compreensiva mas exigente, muito combativa.

Amou sempre e muito tudo quanto era Arte. E quis sempre transmiti-lo. Estou a pensar, por exemplo na APEA, a quem deu tanto do seu esforço e saber. Saudosa do filho querido e do netinho ausentes, incansável trabalhadora, até ao fim da sua vida.

Professora de tantas gerações de meninos e meninas, cujas redacções desenhos e retratinhos amorosamente guardava num enorme baú, foi na Literatura e na Educação pela Arte que Alice melhor extravasou o seu amor pela criança.”

Maria Wallenstein

3.3.11. “NOME (...) CORAJOSAMENTE INSCRITO DOS DOCUMENTOS DE OPOSIÇÃO”

“Conheci Alice Gomes era eu ainda uma jovem aluna do 2º ano da Faculdade de Letras e Actriz do Teatro Nacional, Amiga do Régio, foi por intermédio dela e de seu marido, Casais Monteiro, que conheci o grande poeta e dramaturgo.

Lembro ainda o entusiasmo, o apoio e o estímulo que me deu quando da representação de “Benilde” ou a “Virgem Mãe”, posta em cena no final de 1947, no Teatro Nacional.

Desde então, sempre a encontrei em todos os momentos em que era importante tomar uma posição de contestação ao regime antidemocrático, anterior ao 25 de Abril.

O nome de Alice Gomes sempre surgia corajosamente inscrito dos documentos de oposição. E não só o seu nome como a sua acção foram importantes na grande luta pelos direitos humanos e pela liberdade no nosso país.

Irmã de Soeiro Pereira Gomes, escritor comunista, Alice Gomes, apesar da grande admiração que tinha pelo irmão não se sujeitou ou conformou sequer com os esquemas rígidos e as concepções aberrantes da ideologia comunista ou de qualquer outro sistema totalitário. Sem querer diminuir a força da sua personalidade, penso que para isso deve ter contribuído em parte o contacto com seu marido, o grande poeta Casais Monteiro.

Mas, se bem que cidadã exemplar, Alice Gomes foi sobretudo uma mulher de cultura essencialmente voltada para a criança. A escolha da sua profissão já era um indicativo das suas preocupações e interesses - professora. Mas professora da Instrução Primária, dos mais pequenos, daqueles que ela poderia iniciar e acompanhar na aprendizagem da nossa língua que conhecia e cultivava com uma elegância rara.

Quantos alunos – do Colégio Moderno ao Liceu Francês – passaram pelas suas aulas vivas e cheias de interesse?!

E os seus livros, aquilo que escreveu, revelavam sempre não só a sua inteligência e sensibilidade como, e sobretudo, o seu profundo amor à criança. Amante também dos grandes valores da nossa história e cultura procurou incutir no espírito de quantos jovens educou esse mesmo grande amor. Os seus contos, as suas peças de teatro vão exactamente buscar à nossa tradição cultural erudita e sobretudo popular as raízes da sua inspiração. Também a poesia foi um dos instrumentos que melhor utilizou na educação das crianças. Aliás, chegou a publicar uma bela colectânea de poesia portuguesa e brasileira, numa edição muito bonita.

Alice Gomes era uma cidadã exemplar, uma professora de rara competência, uma artista das letras, e sobretudo uma mulher que acreditava que a arte tinha um papel importante na educação como até – e por isso mesmo – na transformação da mentalidade e da vida dos homens.”

Maria Barroso Soares

3.3.12. APEA: “ALICE FOI A GRANDE IMPULSIONADORA ATÉ AO FIM DA SUA VIDA”

“Primeiro a mulher. Lutadora obstinada pelos seus ideais. Frontal no elogio e na crítica. Constante em muitas amizades, mas inconstante noutras. Apaixonada pelas pessoas (sobretudo pelas crianças) e pelas coisas. Curiosa para conhecer o que se passava no mundo. Discreta, recusando servir-se do prestígio alheio em proveito próprio. Individualista na defesa do que era só dela – o seu trabalho de escritora, de educadora, de artista, assinado com um nome simples de mulher.

Ainda a mulher. O olhar interrogativo, por vezes irónico. Os gestos rápidos das mãos nervosas. A voz bem modulada de quem conta histórias. A voz agressiva de quem, por vezes, se torna irascível.

Mas falar de Alice Gomes é recordar a sua grande obra que quase nunca é referida nas biografias que vão surgindo (sempre póstumas, sempre tardias!) nos jornais - a obra, dizíamos, à associação portuguesa para a educação pela arte.

Em entrevista feita por Eurico Gonçalves para o “Diário de Notícias” no Ano Internacional da Criança, Alice Gomes define o que é a “educação pela arte”:

“Esta educação visa dois aspectos essenciais: a própria criatividade infantil e a sensibilização da criança à arte dos adultos, não só no domínio das artes plásticas, mas também na música, dança, teatro e literatura.

Através da educação pela arte o educador proporciona os meios de a criança se exprimir, criar, ao mesmo tempo, tornar-se sensível à arte dos adultos, visitando exposições, museus e monumentos, assistindo a peças de teatro, ouvindo concertos de música, observando álbuns e lendo livros e revistas.”

Fundada em 1957 (data em que o seu estatuto foi aprovado), embora já formada em 1954, a Associação, de que Alice foi a grande impulsionadora até ao fim da sua vida, nunca conheceu uma sede apesar de inúmeras tentativas. No entanto, a nível internacional, a APEA tornou-se conhecida graças à infatigável participação de Alice Gomes em reuniões da InSEA (UNESCO).

A nível nacional ressalta todo o seu trabalho, apoiado pelo empenhamento dos sócios que são seus colaboradores mais chegados: trabalho árduo junto de crianças a quem o mundo da Arte estava negado, em bairros como o Casal Ventoso e na Associação Protectora da Infância; trabalho difícil nos Centros Tutelares de Menores.

Alice Gomes empenha-se em tarefas quase penosas, esgota-se, mas resiste, ao longo de um ano, motivando adolescentes marginalizados para a literatura.

A expressão plástica, a música, a expressão dramática, a expressão poética - o mundo da comunicação artística, divulgado em exposições que Alice Gomes organiza (com o apoio sempre constante da Sociedade de Belas Artes), em sessões de leitura na Feira do Livro, em bibliotecas, nas escolas.

Finalmente, uma palavra para a pedagoga cheia de intuição que ela foi. A pedagoga do “Douro Encantado”, que é uma inovação na época em que foi concebido, a mulher encantada

que partiu da observação do próprio filho para a maravilhosa descoberta da criança. E é essa que mais perdura na nossa memória.”

Maria Manuela Valsassina Heitor
Maria Alda Soares Silva
Maria Raquel Reis



Figura 1 - Alice Gomes e Adolfo Casais Monteiro - Ed. Bertrand
(Arquivo pessoal de Marinela Valsassina)

3.4. ALICE GOMES VISTA NA ATUALIDADE POR CECÍLIA MENANO E MARINELA VALSASSINA

“Alice Gomes era uma pessoa interessante e dinâmica que me procurou quando quis fundar a APEA. Veio ter comigo ao *Atelier*, quis conhecer o meu trabalho. Fazíamos parte de um grupo alargado de pessoas que se interessavam pela Educação através da arte e que acreditavam nas ideias de Read. Foi um marco importante a criação da APEA e o papel de Alice Gomes. Era mulher de Adolfo Casais Monteiro e irmã do escritor Soeiro Pereira Gomes, pessoas, como ela, de prestígio intelectual indiscutível. O seu papel de escritora e poetisa ocuparam um lugar de relevo no panorama da época. Fui Vice-presidente da Associação por ela fundada e uma das relatoras dos seus Estatutos.”

Cecília Menano, (ECM) Junho de 2013

“Era uma mulher com um feitiço muito especial. Não tinha bom feitiço, mas era muito minha amiga. Conhecia-a socialmente e pouco depois convidou-me para ser sócia da APEA, de que mais tarde vim a ser Presidente.

Foi das pessoas como escritora que considero de muito valor, tive por ela uma admiração extraordinária, foi uma criadora, tinha uma exacta noção do que era a literatura infantil.

As reuniões eram à noite em casa da Alice e discutiam-se assuntos da educação e das artes muito interessantes e atuais. Alice era uma mulher apaixonada pelo marido, o poeta Adolfo Casais Monteiro.

Era uma intelectual, culta, séria e empenhada em transformar coisas que via correrem mal na educação portuguesa. Tinha imensa iniciativa e todos nós trabalhávamos imenso, tanto na APEA como nas nossas vidas profissionais. Mas o tempo parecia chegar para tudo! Quando começou a ficar doente a Alice tentou manter a Associação em funcionamento e delegou noutros sócios responsabilidades que eram suas. Mas depois dela a APEA foi esmorecendo lentamente, deixando de ser um local de discussão interessante e motivador para a acção.”

Marinela Valsassina, (EMV), Julho de 2010

3.5. OUTRAS REFERÊNCIAS EM ARTIGOS E NA IMPRENSA SOBRE A AUTORA

Mostra na biblioteca nacional de Portugal - Alice Gomes - poesia e prosa de uma vida



Figura 2 - Mostra - Alice Gomes - Poesia e Prosa de uma Vida – 2010

“Escritora, pedagoga, conferencista, dramaturga, Alice Gomes foi uma mulher de acção, que deixou publicados vários contos, poesias, traduções, ensaios e outros tantos por publicar. De

toda a sua experiência de convívio e estudo da criança resulta uma obra diversificada onde a formação de pedagoga se associa à imaginação e ao humor. É com subtileza que procura incutir princípios que dignificam o futuro das crianças e é também com alegria que as procura atrair para a leitura, de modo a que não percam o gosto e a necessidade de ler.

Em estilo dialogante e comunicativa conta histórias do real retocado pelo maravilhoso ou pelo sonho em o Vidrinho de Cheiro e Contos Risonhos, para logo em os Ratos e o Trovador enveredar pela teatralização da lenda do flautista de Hamlim. A *Lenda das Amendoeiras e Nau Catrineta* são duas outras peças teatrais de Alice Gomes. *Poesia Para a Infância* (1955) é uma antologia de poesia portuguesa e brasileira. Outras das suas obras dedicadas à poesia são *Poesia de Infância* (1966) e *Bichinho poeta* (1970), livro de poemas que ocupa um lugar destacado na obra desta escritora que foi elemento proeminente de várias actividades ligadas à criança. As reflexões que deixou expressas em *Aprender sorrindo* e *Literatura para a Infância*, 1979, demonstram a sua contínua actividade de escritora e divulgadora de literatura infantil.

Esta mostra pretende homenagear Alice Gomes, a escritora nascida na Granjinha, Tabuaço, em 1910 e falecida em Lisboa, em 1983, e que não se considerava... escritora, conforme escreve na introdução de *Pensamento da Poesia e Prosa da Vida* (1989) “ (...) gostaria de avisar que não sou escritora, mas apenas represento a fuga do meu espírito em dias de solidão...

Acompanhou o marido, o escritor Adolfo Casais Monteiro, no seu longo exílio no Brasil. A fotografia é da autoria do artista surrealista Fernando Lemos, datando do início da década de 50 do século XX, tendo sido publicada na obra *Retratos de Quem? Anos 50* (São Paulo, Instituto Camões, 2000).” (in Mostra da Biblioteca Nacional, 2010)”

Alice Gomes, mulher notável

Alice Gomes (Alice Pereira Gomes) é natural de Granginha, concelho de Tabuaço, distrito de Viseu.

Referenciada no «Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis» editado por Lello e Irmãos em 1967, tem desenvolvido a sua actividade no campo da literatura e do ensino. Colaboradora em revistas e jornais, autora de peças de teatro representadas pela Companhia de Teatro Nacional e outras, fundadora da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, membro do Comité Português para a UNICEF, da Sociedade Internacional para a Educação através da Arte, e da Sobreart (Sociedade Brasileira), foi escolhida para candidata portuguesa ao



Prémio Internacional Hans Christian Andersen em 1974.

Viúva do poeta Adolfo Casais Monteiro e irmã do escritor Soeiro Pereira Gomes, da sua obra para adultos

constam: «Na Idade dos Porquês», «O Autor e a Comunicação no Livro Infantil», «A Literatura para a Infância» e «Fogueira de Lenha Verde». Traduziu: «O Príncipezinho», «Feliz Idade», «O Pastor de Kotchamy», «Duplo Engano» e «Escuta, Mãe». Os livros para crianças que publicou são: «Poesia para a Infância», «Poesia da Infância», «As Histórias da Coca-Bichinhos», «Douro Encantado», «Giroflé-Giroflá», «Aprender Sorrindo — I e II», «Bichinho Poeta», «História de uma Menina», «Vidrinho de Cheiro», «A Nau Catrineta e...», «A Lenda das Amendoeiras e...», «Os Ratos e o Trovador», «Barco no Rio» e «Contos Risonhos».

Era um espaço pequenino aquele que Gabriela tinha por sua conta. A sua «casa», como ela a designava às amigas, meio a rir meio a sofrer, percorria-se com um olhar, media-se em meia dúzia de passos. «My home is my taste» (1) aprendera ela a pensar e a sentir. Ora na realidade, o seu lar, o seu castelo era um quarto independente, situado no último andar de um prédio novo num velho bairro de Lisboa. Contudo, reunia-se naquele quadradinho tudo o que a sua vida, estreita pela força das circunstâncias, embora vasta pela força do seu pensamento e do seu sonho, requeria. O fogareiro eléctrico que lhe oferecia um chá, reconfortante nas tardes frias e apaziguante nas tardes de calor; o divã onde dormia e sonhava mesmo sem dormir;

a estante com os «amigos» que nunca traem. Mil pequenas coisas, mil pequenos nada que são muito na vida de uma mulher, e aquilo que era tudo na dela, um piano.

Gabriela não tinha nascido para a mediocridade a que estava, presentemente, condenada. As suas aspirações, os seus gostos, as suas maneiras, tudo estava em contradição com a realidade da sua vida.

O curso de música, interrompido pela morte prematura dos pais, fizera dela, não a virtuose que os mestres profetizam e os amigos esperavam, mas uma simples professora a juntar a tantas outras. Ainda se iludira, durante algum tempo, com a esperança de uma bolsa de estudo que lhe permitisse acabar o curso, ir ao estrangeiro estudar com os grandes

mestres, celebrar-se, quem sabe? Durou só algum tempo essa ilusão. Talvez a falta de talento suficiente, a falta de sorte ou protecção, tudo junto, decerto, lhe desfez a possibilidade de se elevar.

No entanto, não se revoltava. Instalara-se segundo os seus recursos, sindicalizara-se, assinara um jornal e algumas revistas, arranjara um grupinho de alunos suportáveis, um pequeno colégio na vizinhança onde ia dar lições. Procurava adaptar-se e, se não podia, em certa semana, ir ouvir certo concerto, informava-se se era transmitido pela telefonia e escutava-o de casa de qualquer amiga.

(in *Fogueira de lenha verde*)

(1) A minha casa é o meu castelo.

Figura 3 - Diário dos Açores, 22 de Janeiro de 1979 onde se faz referência à APEA e à sua obra escrita

Periscópio/Pessoal



A morte de Alice Gomes

A causa da educação uma lutadora da primeira linha de combate com a morte de Alice Gomes, ocorrida no sábado, 15 de Outubro. Escritora, poetisa, dramaturga, professora, Alice Gomes foi sobretudo pedagoga e toda a sua vida uma pedagogia.

Natural de Gestaço, no Alto Douro, onde nasceu em 1910, fez no Porto o liceu, assim como o curso da Escola do Magistério Primário. Mais tarde, em Lisboa, tirou o curso de Ciências Pedagógicas. Dedicou-se ao ensino infantil e primário e, durante muitos anos, exerceu a profissão no Liceu Francês Charles Lepierre, experiência que lhe permitiu aperfeiçoar um método seu para o ensino do Português a crianças estrangeiras, mais tarde (1970) publicado sob o título «Aprender Sorrindo».

Como pedagoga, Alice Gomes realizou conferências, participou em colóquios e cursos, publicou inf...

anos, era colaboradora assídua de «O Jornal da Educação». Por outro lado, foi uma das fundadoras e principais dinamizadoras da Associação de Educação pela Arte.

Como considera, a sua actividade voltou-se essencialmente para a literatura infantil e juvenil (literatura para crianças e jovens, como ela gostava de dizer), tendo-nos deixando uma vasta produção, de que aqui se recordam alguns títulos: «A lenda das amendoeiras», «As histórias do Coca-Bichinhos», «Vidrinho de Cheiro», «Bichinho Poeta», «História de uma menina», «Na idade dos porquês», «Barco no rio», «Poesia para a infância», etc.

Viúva do poeta Adolfo Casais Monteiro, Alice Gomes era irmã do prof. Alfredo Pereira Gomes, catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa, e do escritor, já falecido, Soeiro Pereira Gomes, e mãe do prof. João Paulo Monteiro, professor de...

Fig. 4 - Notícia da morte de Alice Gomes - D.N. 16 de Outubro de 1983

“foi sobretudo pedagoga e toda a sua vida uma pedagogia”

3.6. ALICE GOMES E A CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO PELA ARTE (APEA)

Sobre a criação da APEA, encontramos no seu espólio o seguinte texto que ilustra como realmente nasceu esta Associação e a sua relação com a InSEA: “Deu-se a coincidência de se realizar nesse ano em Paris [1954] (e na casa da Unesco) a assembleia fundadora da InSEA, assembleia em que vim a tomar parte. Então, melhor arreigada ficou no meu espírito a ideia de criar uma associação similar, ideia que acabou por “vingar”, tendo o nosso estatuto sido aprovado, ministerialmente, em 1957. Não é muito extensa a lista de sócios da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte (uma centena e meia) e já tivemos o desgosto de perder alguns, eminentes - O Dr. João Couto, o Dr. Mário Chicó e Almada Negreiros. Esta expressão “Educação pela Arte”, ou seja, por meio da arte, foi a que melhor me pareceu corresponder a “Education Through Art” (...) em que o filósofo [Read] exprime os princípios que vieram a informar a InSEA e também a nossa Associação APEA.

Debruçamo-nos sobre todos os aspectos da criatividade da criança e dos jovens. Interessamo-nos, também, por que a arte dos adultos, a verdadeira arte, lhes seja oferecida, contribuindo para a sua formação, a sua educação integral. (...). Todos somos poucos para elevar o nível artístico cultural dos nossos pequenos, que tantas qualidades intrínsecas possuem as crianças mais inteligentes do mundo, no dizer de professores estrangeiros”. (EAG, Cx. 6)

Enquanto escritora de literatura infanto-juvenil reformou nesse domínio em particular, criando e recriando contos e poesia (cf. “A Nau Catrineta”, “A Lenda das Amendoeiras”, “Bichinho Poeta”) em que incluiu canções, propostas de dramatização, ilustrações e composições de artistas consagrados o que demonstra a sua inclinação clara para uma Educação pela Arte integrada e estética. O seu lugar como professora primária no Liceu Francês, em Lisboa, permitiu o desenvolvimento de diversas iniciativas, como o trabalho em projetos, a dinamização de espaços de leitura e a criação de bibliotecas de intercâmbio, festas escolares, idas a museus e galerias de forma ativa. Mas Alice Gomes é também escritora e poetisa e para ela era preciso que a educação implicasse “sorriso”.

Procurou expandir a sua atividade, associada a diversas circunstâncias, interessando-se pela arte, pela criança, por todos os domínios de intervenção artística, promovendo inúmeras iniciativas que fomentaram, em muito, a Educação pela Arte em Portugal. A ligação com Cecília Menano - uma das fundadoras - e Marinela Valsassina surge pelo interesse das iniciativas das próprias, espelhadas nos princípios da Associação Portuguesa de Educação

pela Arte, mas sobretudo por que estas tinham em mente um pressuposto comum: olhar a criança com um novo e outro olhar e permitir que a sua personalidade desabrochasse em todas as suas dimensões.

3.6.1. EDUCAÇÃO “PELA” ARTE OU “ATRAVÉS” DA ARTE?

No Espólio de Alice Gomes encontrámos a seguinte nota que refere a decisão quanto à tradução do termo inglês “Education Through Art” proposto por Herbert Read. “Achei que “Educação pela Arte” era melhor para sair da boca apressada dos portugueses, em lugar de “Educação através da Arte”, tradução mais literal.” (EAG, s.d., Cx. 6)

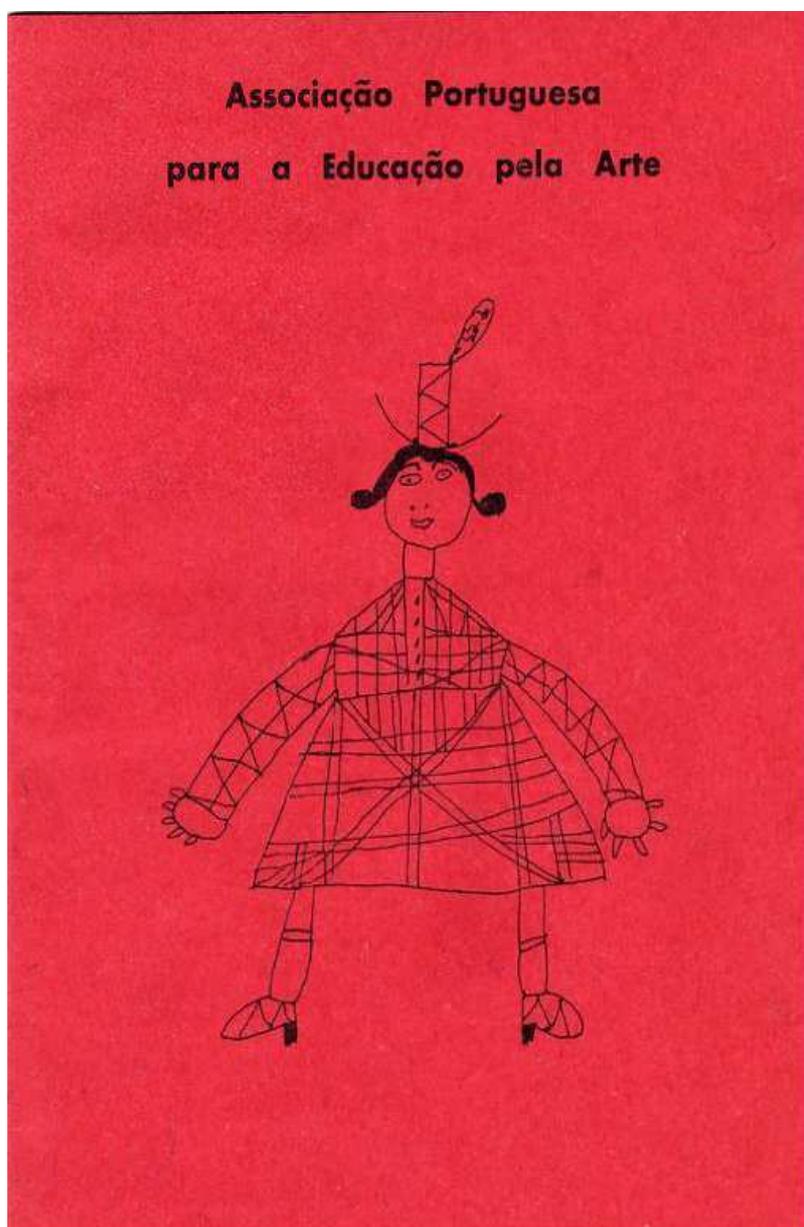


Fig. 5 - Capa dos Estatutos da APEA (1957)

É de realçar que este termo foi a partir de Alice Gomes o que veio a instaurar-se daí em diante, ou seja, nos finais da década de 50.

Também no Espólio, Cx. 9, encontramos a Capa dos Estatutos da APEA composta por um desenho de José Torres, de 7 anos, aluno do Atelier de Cecília Menano, e que ilustrou também o Catálogo da 1ª Exposição pública organizada "pela pedagoga, cultora da arte infantil". (EAG, Cx. 9)

3.6.2. “E ÀS VEZES, EU FECHO OS OLHOS À REALIDADE E ATÉ ACREDITO TAMBÉM”

“Na sede da UNESCO em Paris, em Julho de 1954, como atrás referimos, Herbert Read abre a Conferência com o artigo ‘The Future of Art Education’ e Alice Gomes assiste a esta e outras Conferências e à Constituição da própria InSEA, podendo sentir de perto os ecos que se espalhavam pela Europa e pelo mundo. Alice Gomes compreende intrinsecamente o que Herbert Read defende e revela o que afirmou sobre a forma de educação “que ata entre os seres humanos os laços de auxílio mútuo, ao mesmo tempo que previne os ódios recíprocos.”

O poeta alemão F. Schiller e as suas Cartas para a Educação Estética do Homem”, foram mote na comunicação de H. Read”. Acrescenta a autora: “Nesse mesmo discurso, que lhe ouvi, disse ainda “Foi Schiller quem, em primeiro lugar, no mundo moderno, enunciou as verdades sobre as quais se fundamenta a nossa filosofia da educação. E o nome de Schiller é o primeiro que, em tais circunstâncias, se deve evocar com orgulho”. E continua: “Ele compreendeu, mais claramente que Platão, que a Educação não pode assegurar uma formação verdadeira, senão apoiando-se, no decorrer do desenvolvimento de cada personalidade, sobre a espontaneidade e a faculdade criadora.

(EAG, manuscrito 1954 sobre Discurso de abertura da Sessão plenária da InSEA, Cx. 6)

Nos escritos do seu espólio diz-nos Alice Gomes “É na expressividade infantil que H. Read se fundamenta para defender o seu ideal de democracia. Como as crianças, na sua pureza, são iguais, criando beleza por si mesmas, preferindo motivos, encontrando soluções! Esta verdade nos devia conduzir à Paz, anulando ‘ódios recíprocos’. E Read socorre-se de Platão e de Schiller, emanados na alta aspiração de liberdade e de amor entre os humanos, através da arte,

para o estabelecimento de uma democracia a nível mundial. É um ideal. E às vezes, eu fecho os olhos à realidade e até acredito também.” (EAG, s.d. Cx. 6).

Como vimos o seu amor pela criança inspirou a vasta obra de Literatura para a Infância. O poema “Na Idade dos Porquês” ilustra particularmente a visão que tem do sistema educativo vigente, baseado apenas na constante memorização, na cópia, no distanciamento dos reais interesses infantis, na penalização do erro e na quase total ausência de experiências e vivências significativas para a criança:

Professor diz-me porquê?

Por que voa o papagaio

que solto no ar

que vejo voar

tão alto no vento

que o meu pensamento

não pode alcançar?

Professor diz-me porquê?

Por que roda o meu pião?

Ele não tem nenhuma roda

e roda gira rodopia

e cai morto no chão...

Tenho nove anos professor

e há tanto mistério à minha roda

que eu queria desvendar!

Por que é que o céu é azul?

Por que é que marulha o mar?

Porquê?

Tanto porquê que eu queria saber!

E tu que não me queres responder!

Tu falas falas professor

daquilo que te interessa

e que a mim não interessa.

Tu obrigas-me a ouvir

quando eu quero falar.

Obrigas-me a dizer

quando eu quero escutar.

Se eu vou a descobrir

fazes-me decorar.

É a luta professor

a luta em vez de amor.

Eu sou uma criança.

Tu és mais alto

mais forte

mais poderoso.

E a minha lança

quebra-se de encontro à tua

muralha.

Mas

enquanto a tua voz zangada ralha

tu sabes professor

eu fecho-me por dentro

faço uma cara resignada

e finjo

finjo que não penso em nada.

Mas penso.

Penso em como era engraçada

aquela rã

que esta manhã ouvi coaxar.

Que graça que tinha

*aquela andorinha
que ontem à tarde vi passar!...
E quando tu depois vens definir
o que são as conjunções
e preposições...
quando me fazes repetir
que os corações
têm duas aurículas e dois
ventrículos
e tantas
tantas mais definições
o meu coração que não sei como é
feito
o meu coração
nem quero saber
cresce
cresce dentro do peito
a querer saltar cá para fora
professor
a ver se tu assim compreenderias
e me farias
mais belos os dias*

(Alice Gomes, 1946)

3.7 SOBRE A “ARTE DA CRIANÇA”: ALGUNS ESCRITOS DO ESPÓLIO DE ALICE GOMES

A partir do final dos anos 50 do séc. XX em Portugal é prolífero o pioneirismo educacional. E a área da Educação pela Arte constituía um conjunto de fundamentos passíveis de serem aqui implementados.

Alice Gomes vai espalhando a sua “boa nova” entre Escolas e Instituições diversas para assim alertar o professorado. A sua faceta de escritora não será por nós abordada para além da apresentação das homenagens e tributos que lhe foram feitos. Mas os seus pensamentos pedagógicos, os que pudemos recolher do seu espólio e se seguem nas próximas secções (3.7.1. a 3.7.20) revelam ‘a alma’ do que se propunha a instituir: uma educação pela arte que “ (...) irradie para o museu, para a biblioteca pública, para as galerias de arte, para os monumentos e os jardins; para os concertos, os teatros, os cinemas. Todos os lugares onde a arte se encontre.

(...) A Educação pela Arte realizada em toda a parte, na natureza como nos museus, como nos auditórios, através dos livros, etc.) (...) é um sentimento de urgência que me leva às propostas que acabo de fazer. A Educação pela Arte é um meio inexcedível para preparar as pessoas para a democracia e para a paz, como acentuei no início da minha comunicação. (...) a arte pode ir à escola mas a escola pode e deve ir a toda a parte, aprendendo os caminhos para chegar a ela: aos museus, aos concertos, aos teatros, às bibliotecas.” (EAG, manuscrito s.d. Cx. 5).

Portanto subentendia uma educação abrangente e aberta à Arte em todas as suas dimensões, formas e movimentos, referindo-se à sua visão de “arte infantil”, termo que percebemos na consulta do Espólio não ser do seu inteiro agrado [preferindo “arte da criança”]:

3.7.1. “A ESCOLA FOI INVENTADA PARA A CRIANÇA”

“ (...) o desenho como base de educação ou a educação através do desenho, da arte, é uma ideia difusa mas que aos educadores compete sistematizar e orientar. Educadores são os professores, é-o a família primacialmente, é-o o arquitecto que ergue uma casa, que projecta uma cidade.

Na obra educativa entra o guia, o pedagogo, mas entra também todo o ambiente no qual o ser cresce e devém. (...) Quero chegar aqui: É, ou deve ser, a escola o meio educativo por excelência, o ambiente que foi criado para a criança e para ela só. A casa foi feita para os adultos. A escola foi inventada para a criança e o adulto que está lá dentro não tem outro remédio senão curvar-se para ela, pôr-se do seu tamanho. Só dessa maneira a poderá compreender e ajudar.” (EAG, Cx. 6)

3.7.2. “QUE NENHUM FIQUE AUSENTE POR MAIS FRACO QUE SEJA”

“As festas escolares que se passem dentro da escola, não para fazer vista escolhendo os melhores, e para uma exposição escolar o educador escolhe, sem dúvida nenhuma, o que lhe parece melhor de cada um dos alunos, mas o melhor no sentido de ser mais representativo da sua personalidade; e procura que nenhum fique ausente por mais fraco que seja. (...) uma decepção é sempre tristeza e nós queremos educar na alegria. É a alegria que nasce da alma da criança com uma realização espontânea o principal factor da educação pela arte. Mas os “infiéis são muitos no nosso país, são imensos por esse mundo fora. E é” aos infiéis” que as exposições públicas são dirigidas. Eles não iriam à escola ver e compreender a criança. Foi preciso que a criança saísse do seu mundo e viesse mostrar-se cá fora. Estamos, nós e ela, em rodagem.

Quando todos souberem, quando todos tiverem penetrado o mistério, tudo voltará à pureza do que é a intenção. Deixaremos, então, a criança em paz, a fazer os seus bonecos para ela só ou para os raros que elas julguem dignos de as contemplar.

Disse o grande poeta Guerra Junqueiro: “As almas infantis são puras como a neve”. São pérolas de leite em urnas virginalis Tudo o que ali se grava e quanto ali se escreve cristaliza em seguida e não se apaga mais.

“Por isso lidar com crianças gera em quem souber esta grande verdade pedagógica posta em verso, uma responsabilidade quase inibidora. Eu própria que trabalho para crianças há mais de vinte anos, estudando sempre no desejo de me aperfeiçoar cada vez mais, ainda, por vezes, ao iniciar qualquer empreendimento, tenho medo de não acertar.”

(...), no entanto já uma vez escrevi que espectáculos públicos só os aprovava feitos de gente grande para gente pequena porque só por gente pequena a exhibir-se em festas públicas, fora do âmbito escolar ou familiar, receava sempre que a festa em lugar de ser educativa fosse deseducativa. As festas que se transformam em feiras de vaidades, cada qual pensando em sobressair junto dos outros, às vezes nem sequer pela própria arte, mas por meios que a riqueza, o aparato podem conceder - esses espectáculos, por mais belos que sejam, podem ser profundamente prejudiciais. Vão fazer “apenas uma dádiva” Vão dar o melhor de si mesmos para que os assistentes grandes e pequenos vivam uns momentos de alegria, de emoção, talvez de êxtase. Põem a sua arte ao vosso serviço, comunicando-vos a beleza que essa arte neles criou essas crianças, que estão sendo educadas através da arte, darão uma alta contribuição para que vós sejais, também, educados através dela.” (EAG, Cx. 6)

3.7.3. “ELA ANDA OU VAI DANÇANDO?”

“Educar através da arte! Que belo ideal, não achais? Hoje uma audição musical, amanhã um espectáculo de ballet ou um coral, depois de amanhã uma bela peça de teatro, mais tarde uma exposição de pintura, as crianças vão vendo o que é belo, vão ouvindo o que é belo e as suas almas vão-se elevando sempre.

Mas a prática das próprias artes vinca ainda mais profundamente as personalidades em formação. Não para fazer meninos prodígios; Há tantos hoje em dia que o seu aparecimento vai, decerto, deixar de ser prodigioso. Não, não é esse o fim de uma verdadeira educação.

Os pintores, os escultores, os arquitectos e muitos outros artistas fazem o mundo mais belo. Os músicos, os poetas podem fazer o mundo melhor. As crianças, só por si, enchem o mundo de beleza e de graça. Isto é uma verdade insofismável, em todas as raças, em todas as partes do mundo. E também é uma verdade que, instintivamente, a criança se sente atraída para a magia dos sons, pela beleza das cores, pela harmonia dos movimentos. A criança que canta antes de falar, que desenha antes de escrever, está fazendo arte.

A criança que, sozinha, inventa e representa histórias, que veste ou anima os seus bonecos ou que cria bonecos e historias, que desenha e pinta, está fazendo arte. Já

repararam numa menina a andar pela rua de mão dada com a sua mãe? Ela anda ou vai dançando? Quem o poderá dizer?

E os músicos? Os músicos das gaitas-de-beiços, os músicos das gaitas de cana, peãs aldeias, imitando pássaros? Os músicos que batem nas panelas e lata, tão a compasso?

Arte, arte pura das crianças a que só falta um jeito da parte do adulto para encaminhar e não deixar morrer. Tenho, na ideia, e muita gente comigo, que as crianças a quem se deixa fazer aquilo de que gostam, ficam melhores e serão mais felizes. Mas se se for mais além e se orientarem essas actividades criadoras, se se alimentarem as tendências manifestadas, então podemos obter dessas crianças que se tornem seres úteis e que além de construírem a sua própria felicidade, dêem felicidade a quem com elas priva.” (EAG, Cx.7)

3.7.4. “DESSA UNIÃO DE ESFORÇOS, QUE É O PRINCÍPIO DE TODA A VIDA”

“ (...) Todos sabemos o valor educativo dos *orfeons*; sabemos do espírito de solidariedade, de alegria e a cooperação que o canto em conjunto faz desabrochar, e que diremos da actuação de uma orquestra infantil, dum conjunto de dança, em que todos dão o melhor de si mesmos para um êxito total? Espírito de cooperação e de amizade desenvolve ainda o teatro, todos por um e um por todos - actores, cenaristas, encenadores, músicos, autor - feita uma grande família, construindo qualquer coisa de belo. De mão dada, para agradecer no fim, formam bem o símbolo dessa união de esforços, que é o princípio de toda a vida - da família, à nação, à humanidade.” (EAG, Cx. 5)

3.7.5. “AH! PORQUE PERDEMOS NÓS ISTO?”

“Em Portugal, 1953 foi um ano fausto para a arte infantil. Pudemos acompanhar a exposição do 5º Congresso Internacional de Neurologia, em que Cecília Menano colaborou com os médicos Arminda Grilo e João dos Santos. E pudemos extasiar-nos com as pinturas dos rapazes da Povoia de Varzim que António Luz Correia apresentou em Lisboa. (...) E o mesmo aconteceu no ano seguinte na Galeria de Março, a primeira galeria de arte moderna portuguesa, exposição que José Augusto França promoveu e que Calvet e eu realizamos com obras maravilhosas vindas de vários lugares - Calvet na sua colecção recolhida no então chamado Ensino Técnico Elementar do qual era

inspector. Eu com as produções de crianças do Atelier de Cecília Menano, dos Colégios onde Passos Pino leccionava, dos Jardins Escola João de Deus, do Liceu Charles Lepierre e outros.

Foi aí que ouvi o Cândido Costa Pinto, um pintor surrealista: - Ah! Porque perdemos nós isto? O que me fez lembrar a célebre frase de Picasso “dos cinco aos sete anos estamos em plena forma. Depois repetimo-nos.” (EAG, Cx.7)

3.7.6. “A ARTE INFANTIL, COMO TODA A ARTE, É SAGRADA”

“A arte infantil, como toda a arte, é sagrada. Da parte de quem assiste tem de haver, acima de tudo, aceitação. Aceitação, gostemos ou ao do que a criança fez, compreendo ou não o que ela quis contar. O que devemos é estudar muito, estudá-la muito, e partir daí para a sua educação.

(...) mas a arte dos adultos pode ser dada à criança com o fim de a educar também. Depende da maneira como lhe for oferecida, da gradação que é preciso respeitar. A arte dos adultos pode ser posta ao alcance da criança mas sempre num plano diferente da sua própria arte, para que ela não se sinta impelida a imitá-la servilmente. Claro que a criança imita (não falaria se não imitasse a fala dos adultos). Mas imita dando aos seus actos o cunho da sua idade e da sua personalidade. Quem observou a menina fazendo as suas fantochadas, as suas queridas mascaradas, lá vê as roupas da mãe; porém o traço do seu carácter, ou da sua preocupação, ressaltará na interpretação que lhe der.”

“ (...) Se como diz alguém a “arte infantil” morre com a Infância, era bom que nós, os adultos, a não fizéssemos morrer antes de tempo, matando por nossas mãos a espontaneidade, a fantasia, a confiança pertencentes a essa idade e a ela só.” (EAG, s.d., Cx. 6)

3.7.7. “ARTE INFANTIL E ARTE PARA A INFÂNCIA”

“É preciso distinguir estes dois aspectos da arte como educação. Não defini-los porque não há disso necessidade mas encará-los, pensar neles.

A arte infantil é aquilo que sai das mãos, da boca, da alma da criança, espontaneamente ou, quando muito, provocado por uma atmosfera emocional que condiciona o seu desabrochar.

(...) uma criança (de seis anos) versejava:

“o céu era tão azulinho, tão azulinho que até parecia um moranguinho”

- Mas o morango não é azul – replicaram

- Pois não, mas é bonito!

Um grande crítico de arte que ouviu este diálogo declarou que estavam contidos nela toda a problemática da arte moderna”. (EAG s.d., manuscrito, Cx. 5 – Alice Gomes refere que esta é parte de uma notícia publicada no Diário de Lisboa em 1954).

3.7.8. “EDUCAÇÃO PELA ARTE É TODA UMA FORMAÇÃO”

“Educação pela Arte foi a legenda que me pareceu melhor para sair da boca apressada dos portugueses, quando pensei nesta associação, similar da “International Society for Education through Art”, tradução mais literal da célebre expressão de Herbert Read.

Pela Arte tem deixado algumas pessoas interditas, outras confusas.

No entanto, no ano passado, a adopção por entidade oficial, da designação Educação pela Arte - para ensino que iria ser realizado num estabelecimento de ensino artístico nacional deu a esta forma de educação e ao título que representa, a consagração esperada.

Já quase não se justifica a existência da Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, em termos da batalha, do esclarecimento e de promoção.

Mas educação pela arte não se pode restringir a uma instituição de ensino artístico. Ensino artístico, e até mesmo educação artística, não comporta tudo o que a Educação pela Arte tem a ambição de abarcar.

Educação pela Arte é toda uma formação. Formação que partirá do seio da família (que há-de ser esclarecida) e se completará no ambiente escolar. De qualquer escola e a todos os níveis.

Em 1971 o vosso ciclo de Conferências tinha como título geral: O valor da arte na educação. Não nos sentimos então ultrapassados. Depois disto chegaram-nos solicitações da parte de vários sectores, para que houvesse uma continuação.

(...) Assim como educação pela Arte não é meramente educação artística, também não é exclusivamente arte infantil, como durante muitos anos se chamou à criatividade das crianças. É um misto das duas actividades.

É a arte do adulto, a autêntica, que poremos ao alcance da criança; e o tratamento que daremos às suas criações de índole artística o que formará o seu espírito, a educará, a tornará melhor.” (EAG, Cx.6)

3.7.9. “NASCE É A PALAVRA MAIS BONITA”

“Tira notas?”- perguntaram-me uma vez. Não, mas guardo tudo. Tudo o que me toca, verdadeiramente. Não exageremos, nem tudo guardo de modo a pode-lo reproduzir. Toca-me porém, e fica lá guardado. Não na memória. É noutra lugar. E às vezes...surge? brota? nasce?

Nasce é a palavra mais bonita.”

(EAG, Cx. 5)

3.7.10. “SOU CONTRA O USO DE BRINQUEDOS DE GUERRA”

“As nossas crianças correm para os brinquedos bélicos

(...) uma troca de impressões com a Sr^a Doutora Alice Gomes ofereceu-nos a seguinte declaração:

- Em princípio, por formação moral e ideológica, sou contra o uso de brinquedos de guerra, a que devíamos chamar, mais propriamente de crime.

E logo a seguir com um entusiasmo e firmeza que é lícito assinalar, a Sr.^a Dr.^a Alice Gomes concluiu:

- Se é certo que a criança parece ter dentro de si forças de violência que convém extravasar, os educadores devem encontrar outras formas, talvez jogos corporais, capazes de eliminar essa força interior. As crianças sempre brincaram com espadas de lata que ninguém lhes deu. Mas o requinte com que hoje são fabricados os brinquedos de guerra é verdadeiramente criminoso.

(EAG - Extrato artigo CAPITAL, 15 de Dez. de 1969, Cx. 9)

3.7.11. “CRIANÇA COMO RAZÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA”

[a criança] “ (...) a certeza de que vamos continuar no mundo. De que a espécie humana vai continuar (...) Não é só o futuro que interessa encarar é o futuro a partir de amanhã, a partir de hoje mesmo.”

(datilografado EAG, s.d., Cx. 5)

3.7.12. “AS ARTES DA NOSSA TERRA”

“Um dos propósitos da APEA é reunir, revelar, exaltar, as artes da nossa terra. Dar patriotismo? Não só. Porque estamos aqui e agora. E é preciso não perder o que existe.

Olhar para o remoto, remoto no tempo ou no espaço ou ainda para um futuro problemático numa atitude de ansiedade e dúvida – gostaríamos, deveríamos, seria preciso que... é atitude de vinhos – os que se negam a ver o que os seus próximos fazem para que eles possam brilhar, ao menos como descobridores.

(EAG, Cx. 5, texto manuscrito, s.d., muito rasurado)

3.7.13. “COMPLETA, ESTIMULA, ENRIQUECE”

“A Educação pela Arte faz-se por meio das actividades artísticas dos educandos (de todos os níveis etários) o aperfeiçoamento da vista, do tacto, do ouvido, dos músculos, da oralidade, do pensamento.

A fruição das actividades criativas dos adultos artistas, a contemplação e audição de grande Arte, completa, estimula, enriquece, não só a sensibilidade do educando mas também a sua inteligência.”

(EAG, Cx.7)

3.7.14. “NÃO É POR MEIO DE CONCURSOS QUE SE PROMOVE A ARTE INFANTIL

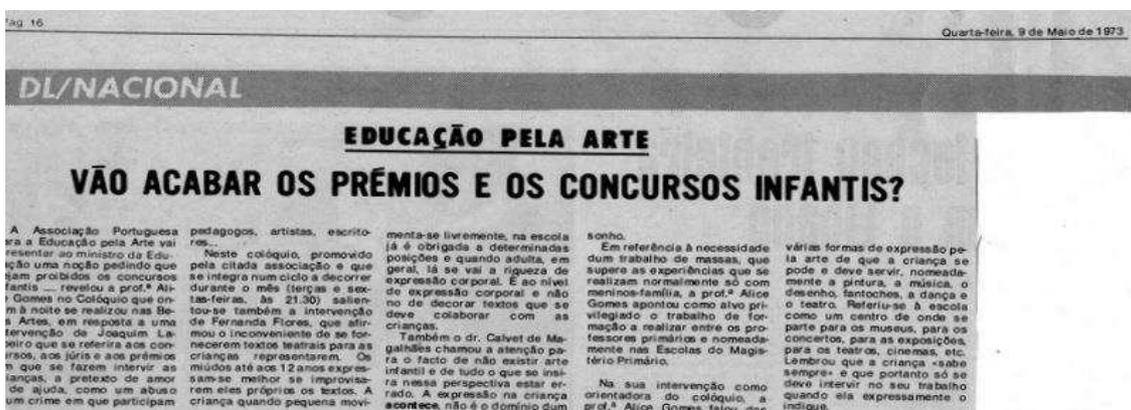


Fig. 6 - Uma moção ao Ministro da Educação para acabar com os Concursos Infantis (...) não é por meio de concursos que se promove a arte infantil. É mesmo essa a forma mais rápida de a matar.” “ (...) escola como um centro de onde se parte para os museus, para os concertos, para as exposições, para os teatros, cinemas, etc. (...) “a criança ‘sabe sempre’ ” (Alice Gomes) Diário de Lisboa, 9 de Março de 1973

3.7.15. “PROFESSOR DE ARTE”

“E nós, os educadores, precisamos sempre de documentos que nos ajudem a ... ajudar as crianças e os jovens a crescer e a viver. É este o fim primacial da educação pela Arte”
“ (...) foi na casa da Unesco, aquando da assembleia que deu início `a Sociedade Internacional para a Educação pela Arte - InSEA - que tomei conhecimento desta expressão insólita: professor de arte.

No *curriculum vitae* de um Arno Stern, de um Pierre Duquet, “professeur d’art” pretende indicar o ofício destes dois franceses que, em ambientes assaz diversos, defendem, cultivam, amparam a arte infantil, ao mais alto grau, penso eu.

Mostrei-me admirada. As pequenas palavras de um catálogo que já transcrevi e que magicamente ali me levaram, e que acabavam assim: “...a arte infantil, a verdadeira, livre de peias”, de influências, de intervenções, é qualquer coisa que nos espanta e nos comove mas que nenhum de nós é capaz de imitar” tenham feito exclamar esses mesmos professores que citei, ao ouvi-las. Traduzidas na própria língua: “Ah! Vous êtes dans la chose”.

Ora se estava assim dentro do assunto, se a arte infantil não se pode imitar, também é certo que não se poderá ensinar. Professor de arte!”

(...) há aqui o professor único a quem o aluno se liga, oferecendo-lhe desenhos com dedicatórias ternas pois por ele se sente a criança entendida. É o professor primário o verdadeiro animador das suas manifestações artísticas

(...) a minha embirração com a palavra “ensinar” e ‘instrução’, prefiro “levarei as crianças a aprender”.

(...) Palavras apenas?” Interroga-se. “Não. Tudo isto corresponde a um ideia de civilização, almejada para o ser humano.

Portanto, o termo professor, mesmo professor de arte, como dantes Arno Stern e Pierre Duquet se classificavam, não poderá ser adequado. Monitor é empregado, por exemplo, aos guias das visitas de crianças a museus. Teríamos ainda orientador, mas essa palavra é perigosa porque uma orientação na criação infantil deve limitar-se à orientação técnica, nunca será crítica ou correcção.

“Sem espanto nem crítica”, como diz Cecília Menano.

Como nomear então o assistente à eclosão da arte das crianças, ao confidente dos sonhos que se revelam em imagens ou em palavras?

(...) Responsável e nada mais será o amigo, a amiga das crianças que, nas horas de lazer, as recolhem num recinto abrigado ou ao ar livre e lhes proporcionam, além do espaço, do sossego, do tempo, os materiais para se exprimirem.

(...) claro que não basta gostar de crianças; é preciso saber de técnicas artísticas plásticas, é preciso ter uma cultura musical, cultura literária e cultura pedagógica (...) (EAG, Cx.6)

3.7.16. “A ESCOLA TEM O DEVER DE SER AMBIENTE DE CULTURA”

A imaginação da criança folgada, isto é, não coagida pelo educador, estimulada por um ambiente de cultura, consegue soluções absolutamente surpreendentes. A casa pode ser esse ambiente de cultura. A escola tem o dever de o ser.

A escola actual tem de ser o meio por excelência em que todas as potencialidades da criança possam eclodir. E lá, o seu mundo, lá encontrará os seus pares – seres da sua cultura e um guia tão alto que deve saber pôr-se ao seu nível.

E se a palavra centro tem uma significação, o centro deve ser a escola donde tudo irradie.

(EAG, Cx.6)

(...) “numa educação global temos de seguir dois caminhos paralelos, tanto no domínio das artes plásticas como das outras formas de arte. Ensinaresmos as crianças a apreciar a beleza e a arte e promoveremos a eclosão da expressão infantil, chamando-lhe o que quisermos.

(EAG, Cx. 6)

3.7.17. “NA EDUCAÇÃO PELA ARTE O PRINCIPAL É A EXPRESSÃO LIVRE”

“E nós, os educadores, precisamos sempre de documentos que nos ajudem a ... ajudar as crianças e os jovens a crescer e a viver. É este o fim primacial da educação pela Arte.”

(...) Só os pedagogos não livres falseiam estes dois princípios por medo ou por ticanhez.

(...) Uma criança que canta e que ri, uma criança que se levanta e que corre, uma criança que se suja de tinta, uma criança que rasga um papel - os escândalos que isto provoca. Na Educação pela Arte o principal é a expressão livre, é a comunicação directa, de olhos nos olhos, sem pedir licença. A comunicação espontânea, se apetece, a comunicação inspirada e só a palavra inspirada eu a permito, porque solicitada já é demais:

Pode ser solicitada de maneira insidiosa.

(EAG, manuscrito, s.d. Cx. 7)

“A intervenção do educador deve ser feita com grande subtileza e com grande sabedoria. (...) E nós, os educadores, precisamos sempre de documentos que nos ajudem a... ajudar as crianças e os jovens a crescer e a viver.

É este o fim primacial da educação pela Arte.

(EAG, s.d., manuscrito, Cx.5)

3.9.18. “ARTES INTEGRADAS”

“ (...) o que me afectou foi a ignorância, melhor direi, a falta de compreensão do assunto por parte de um ilustre professor da Universidade que exclamara antes: “Porque não o Inglês?” (1947?) - isto quando se falava da inclusão das artes nos currículos.” (Cx.6 s.d.)

“ (...) a música ligada ao desenho e à pintura (...) o bailado e o teatro, também os considero a ilustração da música, como as gravuras que iluminam uma poesia ou uma narrativa.

Pensando bem, tenho a impressão que não só o desenho é instintivo na criança mas também.

As outras actividades que, aperfeiçoadas, depuradas, cultivadas, sublimadas poderemos um dia vir a chamar Arte.” (EAG, s.d., manuscrito, Cx. 5)

3.7.19. “EDUCAÇÃO PELA ARTE NÃO ADMITE DEFINIÇÃO”

“ (...) Educação pela Arte não admite definição. Não é uma disciplina escolar para a qual se preparem professores, nem é uma metodologia. Acho que é mais uma influência que se processa através da vida do indivíduo desde criança, no melhor dos casos; o que

vou dizer poderá ser considerado como uma introdução à educação pela Arte sobre alguns apontamentos da minha experimentação.”

(EAG, Cx.6)

3.7.20. “BOLETIM” DA ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO PELA ARTE

“ (...) O Boletim seria provavelmente trimestral. Teria 20 páginas, incluindo a capa, com artigos sobre educação pela arte, movimento da Associação, notícias sobre educação e instrução e anúncios de casas de especialidade ligadas à educação, tudo ilustrado com gravuras e fotocópias e levando extra-textos a cores. Teria colaboração os sócios da APEA nomeadamente: Prof. Francine Benoit, Dr^a Maria José Mendonça, Prof. João Couto, Prof. Cecília Menano, Prof. José Júlio Andrade dos Santos, Prof. Rui Grácio, Dr.^a M^a Antónia Borges, Prof. M^a Luísa Madeira Rodrigues, Prof. Calvet de Magalhães, Actor Carlos Wallenstein e críticos Vasco Granja e Tomás Ribas, assim como de Alice Gomes que se responsabilizaria pela direcção e edição. Outras solicitações seriam solicitadas tanto a escritores portugueses como estrangeiros”

(EAG, Cx. 8 - Correspondência - Cartas a Artur Nobre de Gusmão, 1963)

3.8. A EXPRESSIVIDADE INFANTIL E A DEFESA DA DEMOCRACIA: RECOMENDAÇÕES PARA INVESTIGAÇÃO FUTURA A PARTIR DO ESPÓLIO DE ALICE GOMES

Como vimos pela secção anterior o espólio de Alice Gomes contém material que pela qualidade das suas abordagens, conceitos e pioneirismo, se apresenta como caminho ideal para prosseguir linhas de investigação no que diz respeito à Educação pela Arte em Portugal. (cf. anexo 4)

3.8.1. NOTAS DE IMPRENSA

Também a imprensa desempenha um papel crucial na divulgação da inovação pedagógica e é fonte riquíssima para a investigação educacional do século XX

Multiplicam-se nos vários jornais e revistas artigos sobre a criança geralmente redigidos por personalidades de grande prestígio intelectual e/ou artístico.



Fig. 7 - A APEA, as actividades em que se envolve e a exposição na S.N.B.A. no Ano Internacional da Criança (1979) - por Eurico Gonçalves, Diário de Notícias, 29 de Janeiro de 1979

“ (...) A A.P.E.A foi pioneira, desde os anos cinquenta, de uma série de iniciativas que abrangem a organização de exposições, a divulgação de métodos de educação artística, a publicação de obras de carácter doutrinário e informativo, a organização de «ateliers», a realização de conferências, debates, sessões de teatro, cinema e bailado, a audição de concertos musicais e a promoção do ensino das actividades artísticas e artesanais. (...)”

**«EDUCAÇÃO PELA ARTE
VISA A CRIATIVIDADE INFANTIL E A SENSIBILIZAÇÃO
DA CRIANÇA À ARTE DOS ADULTOS» — diz Alice Gomes**

— Desde quando existe a Associação Portuguesa para a Educação pela Arte?

— Oficialmente desde Abril de 1957, data em que foi aprovado o seu estatuto, mas a sua formação começou em 1954.

— Quem foram os seus principais promotores?

— A Associação foi criada por mim com a colaboração de Manuel Calvet de Magalhães, João Couto, Cecília Menano e Maria Lúcia Namorado, entre outras pessoas que já tinham tido actividades no campo da Educação pela Arte, designação proposta por mim, traduzindo «Education Through Art» de Herbert Read, que conheci pessoalmente na U. N. E. S. C. O., aquando da fundação da International Society For Education Through Art, em 1954.

— O que é, na sua opinião, «A Educação pela Arte»?

— Esta educação visa dois aspectos essenciais: a própria



Alice Gomes

po, tornar-se sensível à arte dos adultos, visitando exposições, museus e monumentos, assistindo a peças de teatro, ouvindo concertos de música, observando álbuns e lendo livros e revistas.

— Como foi aceite em Portugal, nos anos cinquenta, a designação «Educação pela Arte»?

— Esta sigla provocou certas confusões no espírito das pessoas. Houve quem a confundisse com «Arte Infantil», expressão, aliás, muito contestada, nomeadamente pelos artistas plásticos que não reconheciam na criança a capacidade de consciencializar o fenómeno artístico. Outros confundiram esta Associação com uma outra chamada Associação Pró Arte. Hoje, «Educação pela Arte» é uma expressão plenamente aceite no nosso País, mesmo a nível oficial, tendo sido criada, em Lisboa, uma escola com este nome, junto do Conservatório Nacional.

— Como foram recolhidos os trabalhos infantis e juvenis que a A. P. E. A. expôs na sala do 1.º andar da S. N. B. A.?

— A A. P. E. A. desenvolve uma acção educativa junto das escolas, centros sociais e onde quer que seja requerida a sua orientação. Estas pinturas infantis e juvenis provieram dos Centros de Observação (masculino e feminino) do Serviço Tutelar de Menores e dos Institutos Navarro de Paiva e de São Domingos de Benfica, onde trabalhamos desde 1972, a convite do Ministério da Justiça. Também nos ocupamos de crianças da freguesia de S. Mamede, por iniciativa do Grupo de Dinamização Cultural e Recreio dessa freguesia, com o apoio do Ministério da Educação e Cultura. Alguns dos trabalhos expostos na S. N. B. A. foram realizados por essas crianças.

— Falou-me dos fundadores da A. P. E. A., personalidades sobejamente conhecidas...

criatividade infantil e a sensibilização da criança à arte dos adultos, não só no domínio das artes plásticas mas também na música, dança, teatro e literatura.

Através da educação pela arte, o educador proporciona os meios de a criança se exprimir, criar e, ao mesmo tem-

— Tivemos grandes personalidades na nossa Associação como Almada Negreiros, António Pedro, Mário Chicó, José Júlio... e ainda contamos com a solidariedade de João dos Santos, Nikias Skapinakis, José Augusto França, Adriano de Gusmão, Maria Mateus Mendes, Maria José Mendonça, Madalena Cabral, Francine Benoit, Matilde Rosa Araújo, Madalena Gomes, Maria do Sameiro Souto, Maria Cândida Mendonça, Maria Manuela Valsassina Heitor, Dulce Morais e Castro, Aida Barata, Aníbal Alcino, Manuel Mendes dos Santos, Rui Grácio, Maria João Avilez, Maria Arménia Corte Real, Nadir Martinez Pinto, Júlio Roberto, Maria Raquel Rodrigues não querendo esquecer Maria da Conceição Gaudêncio Soares que, durante quinze anos, se dedicou aos tempos livres das crianças da Voz do Operário.

— Pelo que propõe e concretiza ao nível de uma nova pedagogia, saudemos a Associação Portuguesa para a Educação pela Arte, neste Ano Internacional da Criança, coincidente com o 20.º aniversário da proclamação solene da Declaração dos Direitos da Criança, feita no dia 20 de Dezembro de 1959. Em defesa desses direitos, façamos votos para que, em Portugal e no Mundo, o ano 1979 contribua, de forma decisiva, para o bem-estar social da criança.

Fig. 8 - “Esta educação visa dois aspectos essenciais: a própria criatividade infantil e a sensibilização das crianças à arte dos adultos, não só no domínio das artes plásticas, mas também na música, dança, teatro e literatura” - Entrevista a Alice Gomes por Eurico Gonçalves - Diário de Notícias, 29 de Janeiro de 1979

Nesta notícia Alice Gomes relembra os sócios Almada Negreiros, Mário Chicó, José Júlio, João dos Santos Nikias Skapinakis, José Augusto França, Adriano de Gusmão,

Maria Mateus Mendes, Maria José Mendonça, Madalena Cabral, Francine Benoit, Matilde Rosa Araújo, Madalena Gomes, Maria do Sameiro Souto, Maria Cândida Mendonça, Maria Manuela Valsassina Heitor, Dulce Morais e Castro, Aida Barata , Aníbal Alcino, Manuel Mendes dos Santos, Rui Grácio, Maria João Avilez, Maria Arménia Corte Real, Nadir Martinez Pinto, Júlio Roberto, Maria, Raquel Rodrigues, Maria da Conceição Gaudêncio Soares

3.8.2. OUTROS DOCUMENTOS DA APEA COM INTERESSE HISTÓRICO

Apesar dos documentos da APEA estarem quase todos perdidos, para além dos que encontrámos no Espólio de Alice Gomes , foi possível resgatar outros no arquivo pessoal de Marinela Valsassina e, como referimos, ainda mais alguns com o contributo da última secretária da direção da APEA, Maria João Gonçalves, que nos facultou tudo o que restava. Inclui-se nos Anexos 5, 6 e 7 esse material inédito.

Em seguida transcrevem-se informações, atas e convocatórias ilustrativas do espírito desta Associação.

3.8.2.1. Convocatórias

A reunião aconteceu na Sociedade Nacional de Belas Artes.

The image shows two documents from the Associação Portuguesa para a Educação pela Arte (APEA). The left document is a 'PROPOSTA PARA SÓCIO' (Membership Proposal Form) with fields for name, birth date, profession, contact information, and payment details. The right document is a 'CONVOCATÓRIA' (Notice of Meeting) for a General Assembly on January 17, 1979, at the Sociedade Nacional de Belas Artes. The notice lists the agenda: to appreciate the report and accounts, and to discuss the future of the A.P.E.A.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO PELA ARTE
PROPOSTA PARA SÓCIO

CATEGORIA (1) _____
Nome _____
Naturalidade _____ Data do nascimento _____
Profissão e habilitações literárias ou científicas _____
Trabalho, realizador ou acção exercida no campo da formação da criança ou da cultura artística _____
Data ____/____/____ Morada _____ Telef. _____
Os pagamentos _____ O presente _____
Cota : mínimo de 1000 mensais
FORMA DE PAGAMENTO: _____
mensal / trimestral / semestral / anual
(1) A preencher para Distinguido

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO PELA ARTE
CONVOCATÓRIA

Convocamos os prezados consócios para uma Assembleia Geral, a realizar às 18 horas do dia 17 de Janeiro de 1979, na Sociedade Nacional de Belas Artes - Rua Barata Salgueiro, Lisboa.

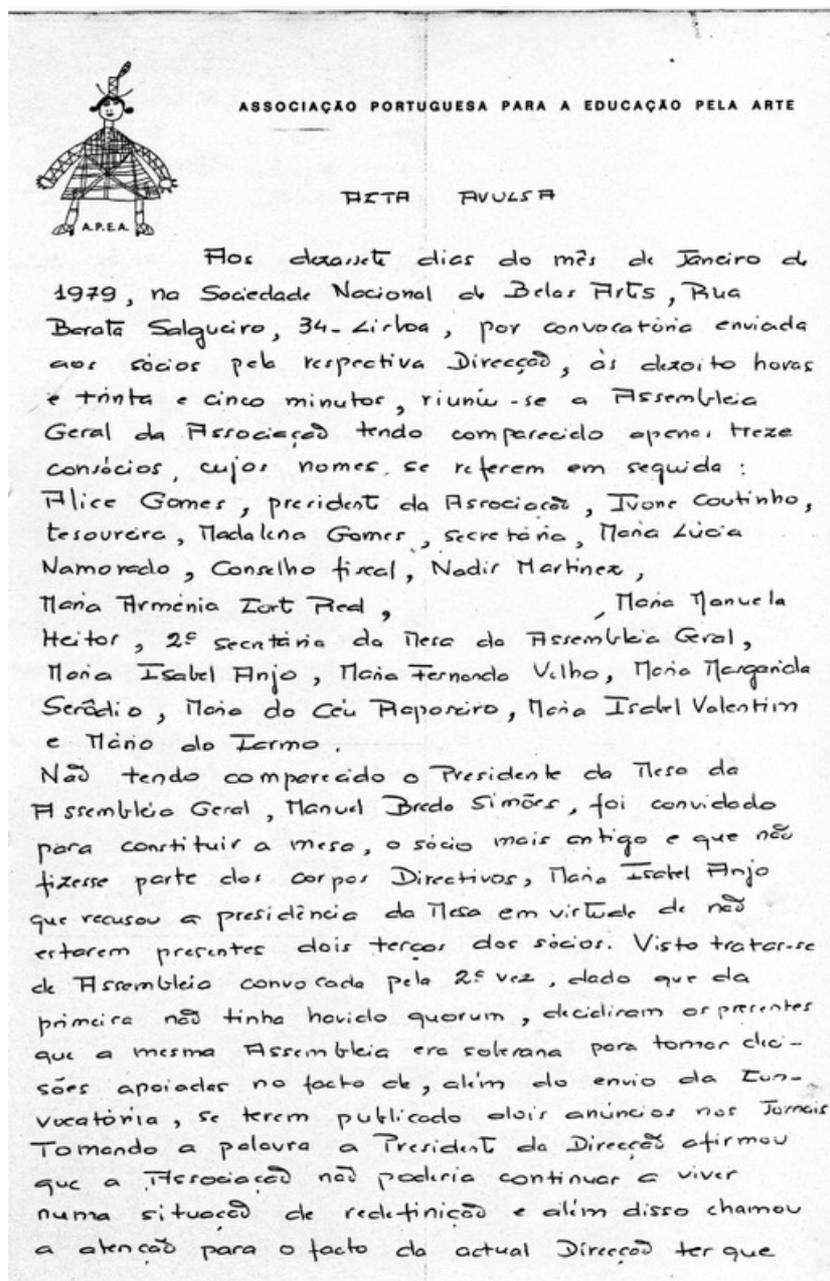
Ordem de trabalhos:

- Apreciar o relatório e contas
- Discutir o destino da A.P.E.A.

A Mesa da Assembleia Geral

Fig. 9 e 10 - Folheto de proposta para sócio da APEA e Convocatória para Assembleia Geral a realizar a 17 de Janeiro de 1979. Nesta reunião Alice Gomes, então presidente da Assembleia Geral, propõe a extinção da APEA por falta de pagamento de quotas e falta de mobilização dos sócios em ações no terreno

3.8.2.2. Atas: Uma eventual extinção da APEA em 1979





ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A EDUCAÇÃO PELA ARTE

apresentar o seu Relatório e Contar e terminar o seu Biénio.

Em consequência do exposto foi constituída a Mesa por proposta de Maria Manuela

Heitor, tomando o lugar da presidência Maria Margarida Serúdio e como 1.º secretária Maria Fernanda Velho, e ainda Alice Gomes e Maria Manuela Heitor como 2.º secretária que redigiu a acta.

A Presidente da Direcção procedeu à leitura do Relatório e Contar do último Biénio, ficando a cópia do primeiro como anexo a esta acta. Os contar foram verificados pelo Conselho Fiscal e aprovados por est.

Do dito relatório consta a proposta de formação de um Grupo de Trabalho e a extinção da A.P.E.A.

Tomando a palavra Maria Isabel Anjo disse não concordar com a extinção da Associação. Alice Gomes respondeu-lhe — "alegando que o referido Grupo de trabalho era a forma de ultrapassar a irradiação constatada pelos sócios e não sobrecarregar um só elemento como até aqui, eliminando assim os estatutos e a que fizemos".

Maria Lúcia Namorado tomou então a palavra para dizer que pelo decorrer deste Biénio tinha chegado à conclusão que a proposta da Direcção era bastante realista.

Solicitada pela Presidente da Direcção, Maria Manuela Heitor afirmou concordar com a formação do Grupo de Trabalho, mas não com a extinção formal da Associação. Maria Arménia Zarte Real apoiou as palavras de Maria Lúcia Namorado, assim como Ivone Zautinho. Maria Isabel Anjo interveio para dizer que, em virtude do consenso geral modificava a sua opinião.

Maria Lúcia Namorado apresentou a sugestão de abrigamento do Grupo de Trabalho a novos elementos, nomeadamente os que constituíram a Exposição patente no S.N.B.A. de 6 a 17 de Janeiro.

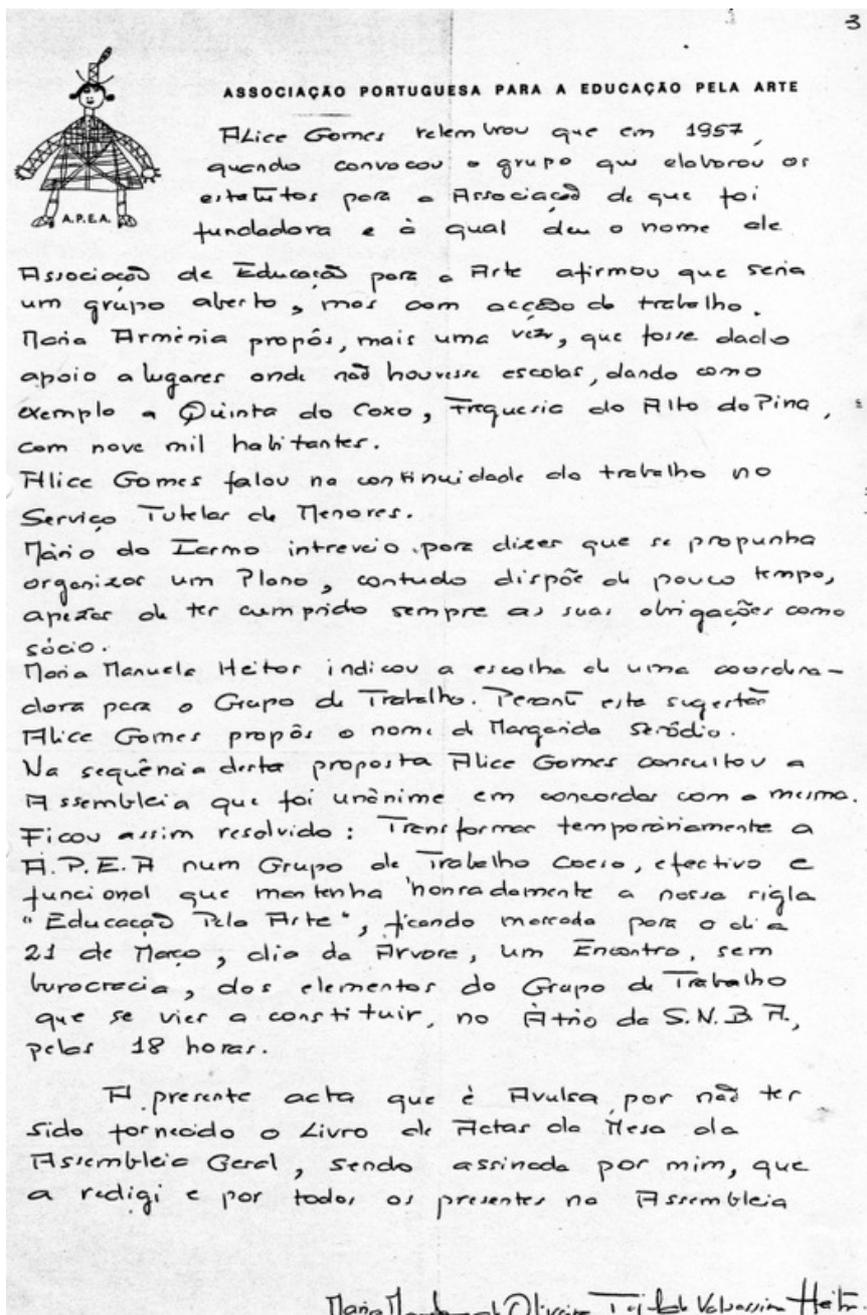


Fig. 11 - Reunião da Assembleia Geral APEA - 17 de Janeiro de 1979 - Ata avulsa (redigida manualmente por Marinela Valsassina) onde se abre o debate sobre a eventual extinção da APEA e decisão de prosseguir como Associação, para além da criação de Grupos de Trabalho. Após debate decide a AG prosseguir com a APEA. Alice lembra que quando fundou a APEA “era um grupo aberto, mas com acção de trabalho”

3.8.2.3. Ata de 1981: promoção de sessão cultural nas comemorações do dia 10 de junho de 1980

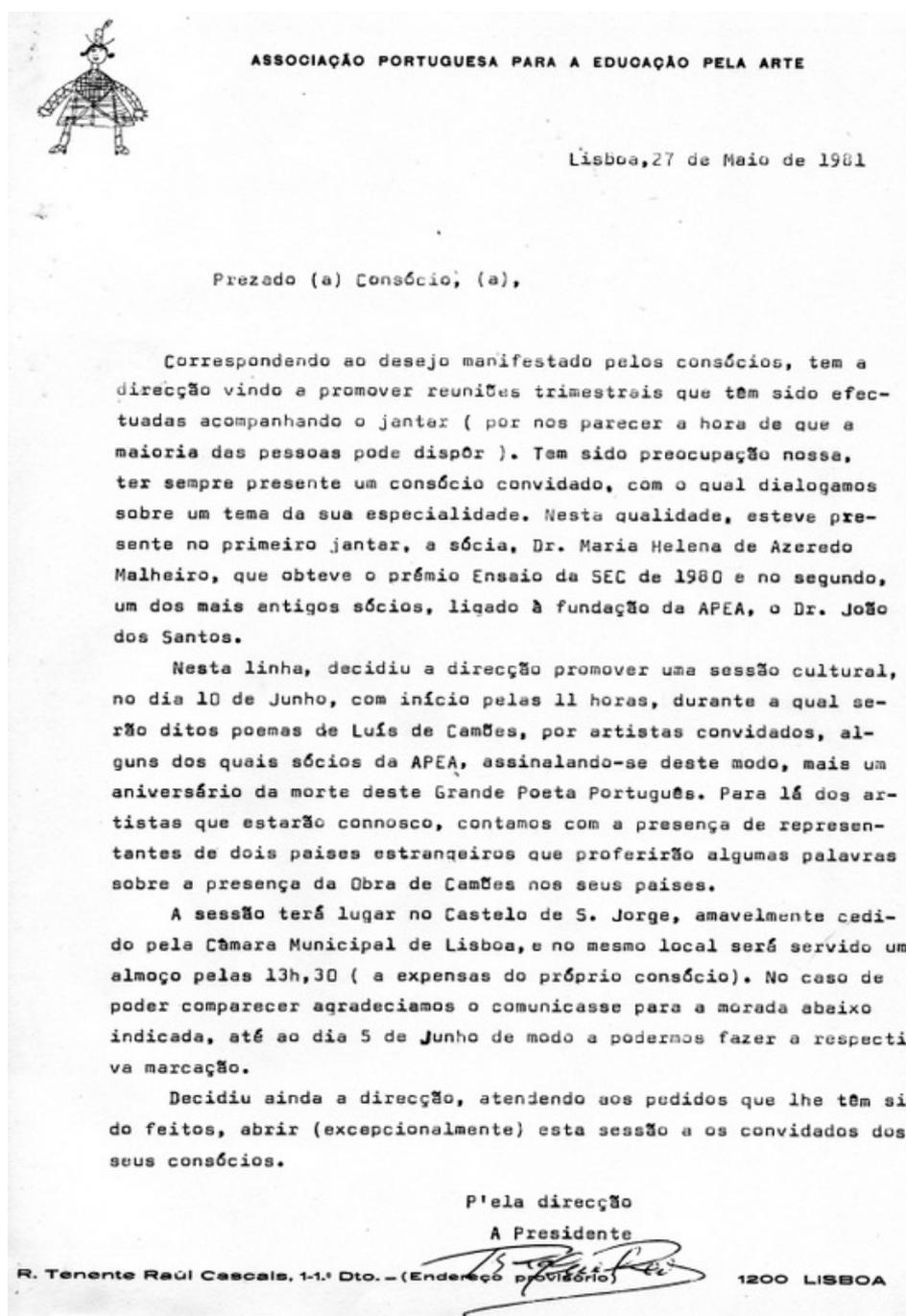


Fig. 12 - Informações aos sócios da APEA - informação sobre os jantares tertúlia com sócios convidados para palestra, e o anúncio de sessão cultural a desenvolver no Castelo de s. Jorge no dia de Camões já sob a presidência de Raquel Reis (Maio de 1981) (do arquivo pessoal de Marinela Valsassina)

3.9. SÍNTESE CONCLUSIVA

Da pesquisa de depoimentos, documentos e notícias infere-se o papel preponderante de Alice Gomes no cenário educativo da época. A autora recorda a sua infância entre serras, depois junto ao mar, em Espinho, regressando mais tarde ao seu Douro encantado, lugares que referencia frequentemente na sua obra literária. Completa o curso da Escola do Magistério Primário no Porto e depois, em Lisboa, e completa a sua formação com o curso de Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Casou com o poeta Adolfo Casais Monteiro (exilado no Brasil desde 1954 por motivos políticos) e teve um filho, João Paulo Casais Monteiro, professor universitário que legou Espólio da mãe à Biblioteca Nacional de Portugal em 1984 e que explorámos ainda muito timidamente neste Estudo. Um dos irmãos de Alice era o escritor Soeiro Pereira Gomes e outro, professor catedrático.

É referenciada primeiramente no “Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis” (Lello e Irmãos, 1967) e mais tarde no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, (Vol. IV, 1997 Lisboa), onde se lê (...) “Foi professora no Instituto Normal Primário do Porto e no ensino infantil e primário em Lisboa. Leccionou a cadeira de Literatura Infantil na Escola de Formação de Educadores de Infância João de Deus.”

No Liceu de Charles Lepierre, após quinze anos de ensino bilingue a nível elementar, organizou um método especial «para crianças estrangeiras aprenderem, sorrindo, a língua portuguesa» (*Aprender Sorrindo*, 1970).

No Dicionário dos Educadores Portugueses (2009, org. Nóvoa) pode ler-se (...) “Promove exposições de desenhos e outros trabalhos escolares infantis, escreve teatro, contos e romances para crianças (...) Colabora em jornais e revistas com poemas, contos e artigos de teor educativo. (...) A partir de 1967, dedica-se exclusivamente a escrever para as crianças. Pertence à Sociedade Portuguesa de Escritores. (...) Figura relevante da literatura para a infância (considera imprópria a expressão literatura infantil), desenvolve, desde meados dos anos cinquenta, um tipo de escrita inspirado nas mais

modernas correntes estrangeiras e sempre atenta à opinião das crianças. Interessa-lhe ajudar a formar o carácter dos seus pequenos leitores, mas deseja também transmitir-lhes o prazer da leitura. (...) Por isso, busca na vida quotidiana das próprias crianças os motivos das suas histórias. Como professora, fomenta e põe em prática o “método dos projectos” (recolha e apresentação na aula de materiais que facilitem e ilustrem a aprendizagem), bem como experiências de organização de bibliotecas de permuta, museus e festas escolares. Dinamizadora da educação pela arte, estimula o teatro infantil, os fantoches, o desenho e todas as manifestações de criatividade como formas de tornar o ensino mais atractivo: para que, como gosta de dizer, “qualquer criança possa aprender sorrindo.” (...) No percurso pedagógico de Alice Gomes destaca-se o esforço de conciliar e de interligar os papéis de professora e de autora: a autora encontra no universo escolar, nas aulas e no recreio, alguns dos temas das suas histórias; a professora ajuda a autora, permitindo-lhe compreender melhor o seu público.”

De grande relevância para este Estudo foi a sua iniciativa de fundar a Associação Portuguesa de Educação pela Arte, em 1957, com Calvet de Magalhães, João Couto, Cecília Menano e Maria Lúcia Namorado e as ações que fomentou dentro do espírito do movimento de Educação pela Arte que se ia disseminando pelo mundo após a segunda Grande Guerra.

Incentivou trabalho árduo aos consócios da APEA mobilizando-os para agir em difíceis contextos e lugares, atuando, ela própria, lado a lado com esses (poucos) sócios que se voluntariaram para agir na Associação. Toda a sua vida é voltada para o “fazer” e “fazer fazer” e, assim, como oradora ou dinamizadora de Palestras ou Exposições, conjuga todas as suas atividades de escritora, professora e fundadora da APEA interligando estas ações com coerência e entusiasmo, pela crença profunda de que valeria a pena tentar transformar mentalidades, através da intervenção, do trabalho persistente e da ação direta. Em prol de uma educação diferente dos habituais cânones da época: uma educação nova, que no mundo tem renovado eco, uma Educação Através da Arte.

Como escritora, papel a que dedicou a maior parte da sua vida, inspirou-se na sua infância, na sua experiência de mãe e professora, para criar histórias e poemas que pudessem agradar às crianças.

Foi autora da primeira tradução para português de “Le Petit Prince”, de Saint Exúpery. Em 1973 foi eleita candidata de Portugal ao Prémio Internacional de Literatura Infantil Hans Christian Andersen.

Realizou palestras e colóquios sobre a educação pela arte, artes plásticas, teatro e literatura para crianças. Promoveu exposições de desenho e outros trabalhos infantis. Publicou artigos, entrevistas, contos e estudos pedagógicos em vários jornais e revistas, publicou antologias de poesia para a infância e traduziu Saint-Exupéry, Balzac, Merimée.

Além de Presidente da APEA, Alice Gomes foi membro do Comité Português para a Unicef, membro da Sobreart, da Ludus e da International Society of Education Through Art (InSEA).

Depois da morte de Alice Gomes em 1983 foi presidente da APEA Raquel Reis que tentou impulsionar a APEA e incentivar a participação dos sócios. Contudo, pelas dificuldades económicas que se afiguraram, as iniciativas realizadas apesar de estimuladas, foram sendo cada vez mais escassas. (cf. Anexo 5 - Boletim nº 1 da APEA). A morte súbita de Raquel Reis deixa-nos um completo desconhecimento do paradeiro do espólio da APEA. Como referido, graças ao contacto estabelecido com Maria João Gonçalves, recuperámos algum material inédito que por acaso mantinha numa arrumação e que inserimos em anexos.

Com o desaparecimento de Raquel Reis a Associação perde a sua força e presença.

É de notar, contudo, que não morre o ideal associativo ligado aos princípios da Educação pela Arte. Por iniciativa de um grupo de antigos alunos e professores da extinta escola piloto que ministrou o Curso Superior de Educação pela Arte, constitui-se em 1994, o Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte (MPIAEP) cujo primeiro sócio fundador foi Arquimedes da Silva Santos e primeira presidente Lucília Valente.

O desenho da criança que ilustra a capa dos Estatutos da APEA é um exemplo que bem demonstra a livre expressão permitida pelos pioneiros da Educação pela Arte.

Para despertar uma educação mais envolvente e dirigida às necessidades das crianças edita uma “Colectânea de Poesia para a Infância” e cria um método de aprendizagem de português para crianças estrangeiras em dois volumes, “Aprender Sorrindo I e II.”

Experiência e cultura são aliadas das suas iniciativas. Descrita como amiga, leal e generosa, embora, por vezes, demasiadamente frontal na abordagem dos seus intentos, foi uma mulher obstinada pelos seus ideais e crenças.

Os títulos dos subcapítulos foram a opção que melhor julgamos ilustrar a personalidade e o pensamento de Alice através de frases chave contidas na transcrição de textos. Ainda assim reconhecemos que os indicadores poderão dar espaço a interpretações diversas. Gostaríamos, sobretudo, que dessem lugar a novas investigações.

Mas neste Capítulo ambicionou-se focar, através da *voz* de Alice Gomes e das *vozes ao seu redor*, ações e conceitos conducentes à reflexão sobre a axiologia que nos leva do passado ao futuro, analisando e projetando a Educação pela Arte num lugar que lhe pertenceu e pertence – não só na escola, mas na comunidade, não só na educação formal, mas na não formal – como forma de educação integral e ao longo da vida,

É notória durante esta exposição a superação de fronteiras de puro idealismo, transformadas em ações concretas e viáveis refletindo um modelo teórico – prático há décadas por muitos abraçado, exercido, investigado e fundamentado.

Alice Gomes almejava uma educação para a democracia e para a paz que reconhece na pureza expressiva dos desenhos, pinturas e outras formas de arte das crianças. Deseja a liberdade criadora da criança e considera a Educação pela Arte não um método nem disciplina, mas mais uma “influência” de que a criança e o jovem podem usufruir para se tornarem mais completos e felizes. Para isso a Escola terá um papel decisivo, “foi feita para a criança” e poderá ser também a partir dela, que a cultura e as artes poderão fluir tanto para a criança, como para os pais e comunidade. A formação continuada e permanente dos educadores e professores é para Alice um caminho imprescindível de aperfeiçoamento humano e técnico. A vanguarda das suas ideias explicita a necessidade de equilíbrio entre cognição e emoção e apela para que em relação às artes a “arte verdadeira” seja fruída por todas a todas as crianças e jovens que assim não só a podem praticar, mas contemplar, analisar e conhecer.

Reclama o cuidado a ter com a “força interior” que a criança e o jovem contêm enquanto seres com tensões e conflitos, e apela ao educador capaz de encontrar meios adequados para os extravasar de modo positivo, através, por exemplo, dos “jogos corporais”.

Enaltece o que é português e o que já se fez no passado “porque é preciso não perder o que existe”, e rodeia-se daqueles que são “os cultores da criança” para em trabalho voltado para a ação, reflexão divulgação e prática da Educação pela Arte. Do seu sonho cooperativo e associativo e da fundação da APEA nasce (e “nasce é a palavra mais bonita”) a agregação daqueles que considerou aptos para sustentar inovação e reflexão pedagógica.

Por tudo o que foi coligido, Alice Gomes é merecedora de reconhecimento pelo seu papel em prol da cultura, das artes e da educação em Portugal. Competência, dedicação e ternura pelos seus alunos são uma constante nos seus escritos, de quem durante a vida, foi guardando os trabalhos num 'grande baú'.

Os seus ideais perduram no tempo e desafiam a criação de cenários educativos que tanto se desejava que fossem diferenciados do vigente.

Nome do ficheiro: TRES 2
Directório: C:\Documents and Settings\Maria
João\Desktop\CORREÇÕES FINAIS
Modelo: C:\Documents and Settings\Maria João\Application
Data\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: CAPÍTULO III
Assunto:
Autor: Joana
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 01-10-2015 22:32:00
Número da alteração: 2
Guardado pela última vez em: 01-10-2015 22:32:00
Guardado pela última vez por: Joana
Tempo total de edição: 9 Minutos
Última impressão: 01-10-2015 22:38:00
Como a última impressão completa
Número de páginas: 45
Número de palavras: 11.451 (aprox.)
Número de caracteres: 61.840 (aprox.)